

## A PESSOA DE JESUS

# Sumário

Lição 1: Introdução, Trindade e Revelação de Deus	6
Visão panorâmica da lição	6
Introdução	6
Ortodoxia vs. Heterodoxia (Heresia)	7
A Trindade	8
A Revelação de Deus: Revelação Geral e Revelação Especial	9
Um pouco de apologética: o “trilema de Lewis”	10
Lição 2: O Logos de Deus – A Divindade de Cristo	12
Visão panorâmica da lição	12
Introdução	12
O Logos “pré-encarnado”	13
A encarnação do Logos	17
Lição 3: O Supremo Sumo Sacerdote – A Humanidade de Cristo	20
Visão panorâmica da lição	20
Introdução	20
Por que um Sumo Sacerdote?	21
Jesus, o único mediador entre Deus e homens	22
Lição 4: O Ensino Moral de Jesus – o Sermão do Monte	26
Visão panorâmica da lição	26
Considerações iniciais	26
Esboço simplificado do Sermão do Monte	27
O núcleo da ética cristã: o amor	27
Primeira parte: introdução (Mateus 5.3 a 16)	28

Segunda parte: a ética do reino de Deus (Mateus 5.17 a 7.12)	29
Terceira parte: alertas finais (Mateus 7.13 a 29)	31
Lição 5: O Ensino de Jesus por meio de Parábolas	32
Visão panorâmica da lição	32
Introdução	32
Por que ensinar por meio de parábolas?	32
O que – talvez – não fazer com as parábolas?	36
Pronto para praticar?	36
Lição 6: O Ensino de Jesus Acerca de Si Mesmo – o “EU SOU” no Evangelho de João	38
Visão panorâmica da lição	38
Introdução	38
“Eu Sou” (o Messias)	39
“Eu Sou o Pão da Vida”; “Eu Sou o Pão Vivo que Desceu do Céu”	40
“Eu Sou a Luz do Mundo”	40
“Eu Sou a Porta das Ovelhas”; Eu Sou o Bom Pastor”	41
“Eu Sou a Ressurreição e a Vida”	41
“Eu Sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida”	43
“Eu Sou a Videira Verdadeira”	43
Lição 7: Os Ofícios de Jesus – Profeta, Sacerdote e Rei	45
Visão panorâmica da lição	45
Introdução	45
O Ofício de Profeta	46
O Ofício de Sacerdote	47
O Ofício de Rei	49
Lição 8: Os Milagres de Jesus no Evangelho de João	51

Visão panorâmica da lição	51
Introdução	51
Primeiro milagre: água transformada em vinho	52
Segundo milagre: cura do filho do oficial do rei	53
Terceiro milagre: cura de um paralítico junto ao tanque de Betesda, no sábado	54
Quarto milagre: multiplicação de pães e peixes	54
Quinto milagre: caminhar sobre as águas	55
Sexto milagre: a cura de um cego de nascença	56
Sétimo milagre: a ressurreição de Lázaro	57
Oitavo milagre: a segunda pesca miraculosa	57
Lição 9: A Cruz – <i>o Sacrifício Vicário</i> – de Cristo	59
Visão panorâmica da lição	59
Introdução	59
Cristo morreu por nossos pecados, como diz a Escritura	60
Cristo anulou o poder da lei e do pecado	61
Cristo triunfou sobre satanás e seus demônios	63
A dimensão existencial da cruz	64
Lição 10: A Ressurreição e a Exaltação de Jesus	65
Visão panorâmica da lição	65
Introdução: a estreita relação entre a morte e a ressurreição de Jesus	65
A ressurreição em seus efeitos sobre nós – a novidade de vida em Cristo	65
A exaltação de Jesus e o derramamento do Espírito Santo	67
A ressurreição como nossa viva esperança	69
Lição 11: A Segunda Vinda de Cristo	70
Visão panorâmica da lição	70

Introdução	70
Alertas de Jesus quanto ao assunto	71
Em busca da beleza do ensino escatológico em sua simplicidade	72
A esperança e a vigilância	73
Referências Bibliográficas	75

## Lição 1: Introdução, Trindade e Revelação de Deus

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender as noções de revelação geral e revelação especial de Deus, e como esta última se relaciona diretamente à pessoa de Jesus;
- ✓ Perceber a relação direta da consideração da pessoa de Jesus com a doutrina cristã da Trindade, em especial em razão da redenção do ser humano por Cristo;
- ✓ Identificar as duas heresias mais comuns a respeito da pessoa de Jesus: negação de sua divindade (*ebionismo*) e negação de sua divindade (*docetismo*);
- ✓ Sustentar uma defesa singela da fé cristã a partir da consideração da pessoa de Jesus.

### Introdução

Vamos iniciar com um questionamento: *Quem somos? Como nos identificamos?*

Provavelmente, a maioria de nós responda a esta pergunta com a afirmação: “sou cristão” ou “sou discípulo de Jesus”. De uma forma ou de outra, isso significa que somos *seguidores de Jesus*.

*A pessoa de Jesus, portanto, faz parte integrante da nossa identidade de fé.* **Hebreus 12.2** afirma que Jesus é o “autor e consumidor da fé”.<sup>1</sup> Isso significa, literalmente, que a fé cristã começa em Jesus e termina em Jesus.

Se afirmamos que somos seus seguidores, sabermos quem é Jesus é fundamental para compreendermos quem somos. É parte integrante da nossa própria identidade, além de representar um verdadeiro fundamento da fé.

---

<sup>1</sup> “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus.” (**Hebreus 12.2**)

*Você sabe quem é este Jesus a quem afirma seguir?* Nesta série de estudos vamos nos concentrar sobre a pessoa de Jesus.

Apenas uma ressalva, antes de prosseguirmos. Saber quem Jesus é, de fato, é muito importante. Mas não se trata de um conhecimento puramente formal. O mais correto é dizer que se trata de um *relacionamento*.

Portanto, estudar sobre a pessoa de Jesus é importante, mas este estudo não terá valor nenhum se não nos relacionarmos com ele. Na verdade, o objetivo deste estudo é apenas *conhecer um pouco melhor aquele com quem nos relacionamos*.

### **Ortodoxia vs. Heterodoxia (Heresia)**

Se olharmos para a história da igreja, especialmente em seu início, a compreensão sobre a pessoa de Jesus estabeleceu um marco divisório entre o que é ortodoxia e heterodoxia. As palavras podem parecer um pouco complicadas, mas a diferença entre uma e outra é a seguinte: **ortodoxia** é a crença que está de acordo com o ensinamento do próprio Cristo e dos apóstolos – o testemunho das Escrituras; **heterodoxia** é o tipo de crença que não está de acordo com as Escrituras – o que também se chama de heresia. Ao longo da história, as principais heresias que o cristianismo conheceu dizem respeito à pessoa de Jesus.

A crença cristã ortodoxa afirma que Jesus é “Deus-homem”: *100% divino como seu Pai; 100% humano como cada um de nós*. A negação da divindade de Jesus é uma heresia que pode ser chamada de “ebionismo”; a negação da sua humanidade é o que se chama de “docetismo”. Você não precisa se preocupar em registrar os termos técnicos (*ebionismo* e *docetismo*) se não quiser, mas preste, por favor, bastante atenção nestas ideias.

A afirmação da divindade completa e da humanidade completa de Jesus tem um motivo bastante simples, que está ligado à salvação (por isso que, após estudarmos sobre a pessoa de Jesus, estudaremos sobre a salvação): se Jesus não for completamente divino, ele não pode nos redimir, pois só Deus é capaz de tamanha obra; por outro lado, se ele não for completamente humano, ele também não pode

nos redimir, pois o pecado é um problema da humanidade, e apenas o homem pode lidar com este problema.

O pecado – uma realidade inegável – introduz um paradoxo: a culpa pelo pecado é da humanidade, e somente o homem pode lidar com esta culpa; no entanto, nenhum homem é capaz de vencer o pecado ou de pagar o preço pelo pecado, e é exatamente por isso que, sem o auxílio de Deus, não podemos fazer nada pela nossa própria salvação. *Jesus Cristo, o Deus-homem, é a resposta para este paradoxo.* Como Deus, ele tem poder para lidar com o pecado; como homem, tem condição de pagar o preço pelo pecado.

Portanto, a correta (“ortodoxa”) consideração acerca da pessoa de Jesus tem uma ligação direta com a nossa salvação, com a nossa redenção.

### **A Trindade**

Este paradoxo introduz outro, o grande mistério do cristianismo, conhecido como **Trindade**. A única pessoa de Deus se manifesta em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa é a doutrina cristã da Trindade, uma consequência natural da consideração da pessoa de Jesus como nosso único e suficiente salvador.

Alguns podem pensar que este assunto – a Trindade – seja um tanto difícil. Na verdade, ele está diretamente ligado à limitação da racionalidade humana (e sobre isso trataremos no próximo ponto desta lição). O que acontece é que nossa dificuldade para considerar a ideia de um Deus trinitário, na verdade, apenas expõe nossa limitação para compreender a pessoa de Deus. E a Trindade tem a ver, precisamente, com a forma como Deus se revela a nós e nos redime, estabelecendo um relacionamento conosco.

**C.S. Lewis**, em seu “Cristianismo Puro e Simples,” explica as coisas de uma forma muito simples e fácil de ver, tendo em vista uma abordagem histórica.

No século I, um grupo de judeus que reconheciam – mais pelo simples fato de serem judeus do que por qualquer outro motivo, já que não eram lá muito religiosos – a existência de um único Deus criador de todas as coisas, conheceu um homem que se apresentava como Filho deste Deus.



Testemunharam sua vida, seus milagres, ouviram seus ensinamentos. Viram-no também morrer numa cruz, ressuscitar ao terceiro dia e subir aos céus.

Após isso, aquele Deus que eles conheciam distantemente em razão da tradição de seu povo e que lhes foi apresentado de uma forma totalmente nova e surpreendente pelo homem Jesus Cristo, começou a agir dentro deles, e por meio deles – eis o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

**Alister McGrath**, por sua vez, explica a Trindade a partir da necessidade de compreendermos adequadamente a pessoa de Deus, com suas diferentes *funções* ao longo da história, e seu particular interesse em desenvolver um *relacionamento* com os seres humanos: Deus, o Pai, aponta para a criação do universo; Deus, o Filho, aponta para a redenção da humanidade; e Deus Espírito Santo aponta para a santificação pessoal e individual.

Em suma, afirmar que somos cristãos significa afirmar que cremos num Deus criador, redentor e santificador. E o único assim que existe no “mercado” das diferentes religiões é o Deus trino: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

### **A Revelação de Deus: Revelação Geral e Revelação Especial**

Ao considerarmos a doutrina da Trindade, vimos que ela está diretamente ligada às formas peculiares como Deus se revelou ao longo da história da humanidade, em três pessoas distintas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – participantes de uma única natureza ou substância.

Isso nos remete, necessariamente, à ideia de “revelação de Deus”. A esse respeito, costuma-se falar em “revelação geral” e “revelação especial”.

A **revelação geral** de Deus é aquela que é percebida na criação. A grandeza da natureza atesta a grandiosidade do seu Criador. É isso o que vemos, por exemplo, no **Salmo 8.3-4**<sup>2</sup> e no **Salmo 19.1**.<sup>3</sup> Paulo também trata disso em **Romanos 1.20**.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?” (**Salmo 8.3-4**)

<sup>3</sup> “Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.” (**Salmo 19.1**)

<sup>4</sup> “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis;” (**Romanos 1.20**).

Devemos notar que a **revelação geral**, embora seja muito importante, não é, por si só, suficiente. Por um lado, ela tem a função de despertar em nós o reconhecimento da grandeza de Deus e, conseqüentemente, um sentimento de humildade. Mas, por outro lado, se dependesse apenas da **revelação geral**, ainda estaríamos mortos em nossos delitos e pecados. Por isso, à revelação geral de Deus soma-se a sua **revelação especial**.

A ideia de **revelação especial** tem a ver com o fato de que Deus celebrou uma aliança com Abraão, Isaque e Jacó. A partir dos patriarcas, Deus estabeleceu um povo, e a este povo confiou sua Palavra, naquilo que conhecemos hoje como o Antigo Testamento.

Mas o relacionamento de Deus com Israel é apenas uma parte da chamada **revelação especial**. Esse relacionamento tinha uma intenção, e esta intenção, da parte de Deus, era a vinda do Messias, do Redentor, o Cristo. As boas promessas de Deus a Israel se cumprem em Cristo (**Romanos 1.3**).<sup>5</sup>

Portanto, quanto se pensa em termos de **revelação especial**, deve-se ter em mente que *Jesus é o ponto culminante do processo de autorrevelação de Deus na história da humanidade*. E é por isso que é tão importante estudarmos a sua pessoa.

Na sequência deste curso iremos estudar, primeiramente, a divindade de Jesus. Depois, consideraremos a sua humanidade. Passaremos então, ao estudo de seus milagres, de seu ensino e, por fim, consideraremos seu sacrifício (a cruz de Cristo). Nossa oração é que este material possa ser tanto instrutivo quanto edificante, e sirva como uma ferramenta poderosa nas mãos de Deus.

### **Um pouco de apologética: o “trilema de Lewis”**

Podemos encerrar esta primeira lição com um pouco de apologética.<sup>6</sup> Vamos pensar na importância de conhecermos a pessoa de Jesus a partir do que ficou

---

<sup>5</sup> “[o evangelho de Deus] acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne.” (**Romanos 1.3**).

<sup>6</sup> Apologética é uma expressão que identifica a defesa da fé por meio de argumentos racionais. Seu objetivo não é, necessariamente, produzir a fé por meio da razão, senão eliminar obstáculos à fé.

conhecido como “trilema de Lewis” (o mesmo **C.S. Lewis** que já consideramos linhas atrás).

Considerar a pessoa de Jesus é, de fato, algo bastante desconcertante para muitas pessoas. Por isso, muitos preferem fazer de conta que ele não existiu. Mas, se pensarmos que Jesus de Nazaré foi de fato um ser humano que pisou sobre esta terra e levamos em conta o que ele disse de si mesmo, nos depararemos necessariamente com uma de três possibilidades – por isso, um trilema.

Jesus ensinou abertamente que era o Filho de Deus (sobre isso trataremos nas próximas lições). Além disso, sua influência afetou diretamente a vida daqueles que se aproximaram dele. Na verdade, a influência de Jesus foi algo tão impactante que até mesmo alterou a história (dividimos o tempo em antes de Cristo e depois de Cristo).

Diante desses fatos (e, especialmente, a *autoafirmação de sua divindade*), logicamente, temos apenas três opções: ou Jesus era um *mentiroso*, ou era um *louco*, ou ele era, de fato, o *Senhor* (*liar, lunatic, or the Lord*, é o que o trilema afirma em língua inglesa).

Agora, um mentiroso ou um lunático não seria capaz de amar e de ensinar sobre o amor como Jesus fez. Por isso, ao considerarmos seriamente sua própria pessoa, não nos resta outra alternativa racional senão a compreensão de que ele é, de fato, o Senhor. Essa é, como já afirmado, uma conclusão lógica diante do trilema.

E a divindade de Cristo será objeto da nossa próxima lição.

## Lição 2: O Logos de Deus – A Divindade de Cristo

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Vislumbrar a divindade de Jesus na consideração da segunda pessoa da Trindade, o Filho ou o Logos de Deus;
- ✓ Contemplar o Logos “pré-encarnado” e a encarnação do Logos de Deus em Jesus Cristo.

### Introdução

Quando Paulo estava preso em Roma, escreveu quatro cartas que, exatamente por isso, passaram a ser identificadas como “Cartas da Prisão”: **Efésios**, **Filipenses**, **Colossenses** e **Filemom**.<sup>7</sup>

Destas, **Colossenses** e **Efésios** formam um par muito especial: a primeira (**Colossenses**) descreve as glórias de Cristo como Cabeça da Igreja; a segunda (**Efésios**), trata das glórias da Igreja como Corpo de Cristo.

Assim, podemos dizer que um bom roteiro para o estudo da divindade de Cristo é a **Carta de Paulo aos Colossenses**. Desta carta tão especial, separamos três afirmações para iniciar nosso estudo desta lição.

Em **Colossenses 1.15** lemos que Jesus é a “imagem do Deus invisível”. Em **Colossenses 2.3**, que nele “todos os segredos da sabedoria e do conhecimento estão escondidos”. E, por fim, **Colossenses 2.9** afirma que em Cristo “habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade”.

O que significam essas afirmações? Em especial, essa última, segundo a qual toda a plenitude da divindade habita corporalmente em Cristo?

---

<sup>7</sup> **2 Timóteo** também foi escrita quando o apóstolo estava preso, às vésperas de seu martírio. No entanto, ela é tradicionalmente classificada como uma “Carta Pastoral” juntamente com **1 Timóteo** e **Tito**. Além disso, possivelmente Paulo tenha sido preso duas vezes, o que faz com que **2 Timóteo** tenha sido escrita nesta segunda prisão.

Isso nos remete diretamente à consideração da divindade de Jesus, objeto de estudo nesta lição.

### O Logos “pré-encarnado”

Já vimos, na lição anterior, que a consideração da pessoa de Jesus nos leva, inevitavelmente, a considerarmos o mistério da Trindade. Essa afirmação se revela especialmente verdadeira quando o nosso objetivo é estudar a divindade de Jesus, o que estamos fazendo neste momento.

Embora a Bíblia não empregue a expressão Trindade, a ideia de um Deus trinitário permeia toda a Escritura, de Gênesis a Apocalipse. Como vimos, *o processo de autorrevelação de Deus na história da humanidade, que culmina em Cristo, é o processo da revelação de um Deus trinitário.*

Vamos, então, para os primeiros três versos da Bíblia, para verificarmos isso (**Gênesis 1.1-3**):

(1) No princípio criou Deus os céus e a terra. (2) E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (3) E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

As expressões sublinhadas na passagem são aquelas que indicam cada uma das três pessoas da Trindade nos três primeiros versos da Bíblia. “Deus”, o Pai, no **verso 1**, e o “Espírito de Deus,” no **verso 2**, são mais fáceis de identificar. Alguns podem imaginar que Jesus estaria na expressão “luz”, no verso 3, mas isso introduziria algumas complicações teológicas.<sup>8</sup>

Na verdade, o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, transparece na ação realizada por Deus já no **verso 1**, mas em especial no **verso 3**: “disse Deus”.

---

<sup>8</sup> Basicamente, esta ideia faria com que Jesus tivesse sido criado após a criação dos céus e da Terra. Mas, como veremos oportunamente, o Filho de Deus foi “gerado, não criado, antes de todas as eras”.

O apóstolo João, no início de seu Evangelho, aborda a questão de forma mais detalhada (**João 1.1-3 e 14**):<sup>9</sup>

(1) No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (2) Ele estava no princípio com Deus. (3) Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. [...] (14) E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

Agora, vamos fazer uma pequena adaptação no texto, mantendo a expressão traduzida por “Verbo” (Logos, em grego) em sua forma literal – o motivo para isso será explicado logo adiante:

(1) No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus. (2) Ele estava no princípio com Deus. (3) Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. [...] (14) E o Logos se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

Para compreendermos a “segunda pessoa da Trindade,” o Filho, precisamos compreender o “Logos de Deus”.

Vamos começar com o *aspecto linguístico*. Traduções possíveis para a expressão grega Logos são “Verbo,” “Palavra,” “Expressão,” “Discurso,” “Razão.”

Pensando em termos dos seres humanos, o logos designa não somente a capacidade que temos de nos expressar, mas, antes, a capacidade que temos de raciocinar e elaborar um discurso articulado sobre as coisas.

Agora, pense nessa capacidade humana e a projete para Deus. O Logos de Deus é a “Razão de Deus,” a “Expressão de Deus,” a “Palavra de Deus.” Não a Bíblia, pois a Bíblia é a Palavra de Deus escrita, mas a Palavra de Deus que está no próprio Deus, e que identifica e individualiza o próprio Deus. É a capacidade que o próprio Deus tem de raciocinar e elaborar um discurso articulado sobre as coisas.

---

<sup>9</sup> O “princípio” de que **João** trata no **verso 1** é diferente do “princípio” de **Gênesis 1.1**. **João 1.1 e 2** tratam do que se chama de “eternidade passada.” A criação descrita em **Gênesis 1** encontra paralelo em **João 1.3**.

Quando nada existia, tudo existia na mente de Deus. O Logos de Deus era Deus, e o Logos de Deus estava com Deus (**João 1.1**). Quando Deus se expressou, manifestando a sua Palavra, o Seu Logos, todas as coisas foram feitas. “E disse Deus,” e assim foi (**Gênesis 1**). “Todas as coisas foram feitas pelo Logos de Deus, e sem ele nada do que foi feito se fez” (**João 1.3**).

Sabemos que fomos feitos à “imagem e semelhança de Deus” (**Gênesis 1.26**). Sobretudo, isso significa que fomos dotados de um logos humano, assim como Deus é e tem o seu Logos divino.

Como o Logos de Deus foi o responsável pela criação de todas as coisas (**João 1.3**), tudo aquilo que chamamos de “leis da natureza” é emanção da própria mente de Deus. A capacidade que nós, como seres humanos, temos de compreender e descrever as leis da natureza demonstra a ressonância que há entre o nosso logos e o Logos de Deus.

Mas o Logos não trata apenas de leis da física e da biologia. A moralidade também é algo inerente ao Logos. Deus não nos criou apenas seres racionais, mas também seres morais. O simples fato de sermos capazes de distinguir entre o certo e o errado é, na linguagem de **C.S. Lewis**, uma chave para a compreensão de todo o universo. A moralidade é a carta que Deus mandou para nós acerca de sua criação – e isso está ligado à ideia, já trabalhada, de revelação geral de Deus.

O grande problema é que, embora tenhamos habilidade para distinguir o certo do errado, temos uma dificuldade natural para praticarmos o que é certo. Isso porque nossa capacidade de fazer o bem foi corrompida pelo pecado – e, em muitos casos, até mesmo a habilidade do ser humano de discernir entre o que é certo ou errado acaba sendo afetada pelo pecado.

Foi precisamente por isso que “o Logos de Deus se fez carne” (**João 1.14**). Mas esta verdade é assunto para mais adiante. Por ora, vamos permanecer contemplando a segunda pessoa da Trindade na perspectiva da compreensão do Logos de Deus.

**Colossenses 1.15**, passagem já citada, afirma que Jesus é a “imagem do Deus invisível.” Se pensarmos em termos da eternidade passada, antes da criação, essa

afirmação de Paulo nos apresenta o Logos, a segunda pessoa da Trindade, como a imagem que Deus fez de si mesmo.

Assim, antes mesmo de criar qualquer coisa, Deus “fez” uma imagem de si mesmo. Numa primeira apreciação, esta imagem que Deus faz de si mesmo é o Logos de Deus, que é o próprio Deus e estava desde o princípio com Deus (**João 1.1**).

Numa segunda apreciação, colocando isso em termos trinitários, o Filho é a imagem que o Pai fez de si mesmo na eternidade, antes da criação de todas as coisas.

Nesse sentido, o Filho foi gerado pelo Pai. O **Credo Niceno** (século IV d.C.) afirma que o Filho é “luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, antes de todas as eras, da mesma substância do Pai”.

Embora essa forma de colocar as coisas possa nos dar a entender que o Pai seja anterior ao Filho, precisamos lembrar que Deus é eterno. Por isso, a afirmação de que o Filho foi gerado do Pai não faz com que o Filho tenha um começo. Assim como o Pai, o Filho sempre existiu.

Mas o Logos não é apenas a imagem que Deus faz de si mesmo. **João 1.3** nos afirma ainda que foi por meio do Logos de Deus que todas as coisas foram criadas. Já vimos como isso se relaciona com a impressão racional da assinatura de Deus na criação por meio das leis da natureza.

Mais um passo ainda precisa ser dado, antes de tratarmos da encarnação do Logos de Deus e do homem Jesus. Na eternidade, na imagem que Deus faz de si mesmo e na projeção de toda a criação (elementos que já vimos comporem o Logos), há, de maneira muito especial, a concepção da humanidade.

Na própria eternidade, Deus concebe a humanidade a em si mesmo, e esta humanidade é parte integrante – em certo sentido, a parte mais importante – do Logos de Deus.

Podemos afirmar, assim, que o projeto de homem perfeito sempre esteve em Deus durante toda a eternidade, fazendo parte de sua própria pessoa. **Tomás de Aquino** fez referência a isso ao afirmar que a união da humanidade com a divindade se dá na pessoa, e não na natureza.



Mas, como sabemos, Adão pecou e, com ele, todos nós, de maneira que jamais foi achado sobre a Terra aquele homem perfeito, projetado por Deus desde a eternidade. Jamais, até o Logos de Deus se fazer carne.

### A encarnação do Logos

Na conhecida passagem de **Filipenses 2.5-8**,<sup>10</sup> o apóstolo Paulo expõe o *esvaziamento do Filho de Deus*: aquele que “subsistia em forma de Deus” (o Logos) assumiu a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. Na linguagem de João, “o Logos se fez carne” (**João 1.14**).

A humanidade de Jesus é o assunto da nossa próxima lição. Neste momento, o objetivo é contemplarmos, agora a partir de sua humanidade, a divindade de Cristo.

Após nossa breve contemplação do “Logos pré-encarnado”, talvez já tenha ficado um pouco mais fácil compreender o que Paulo tinha em mente ao escrever que “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (**Colossenses 2.9**).

Vamos complementar nosso estudo com outra passagem bastante parecida. O escritor da Carta aos Hebreus afirma – a tradução aqui é o mais literal possível – que Jesus é “a refulgência da glória” e a “impressão da essência” de Deus (**Hebreus 1.3**).<sup>11</sup>

Começando pela primeira afirmação, a relação entre o Pai e o Filho é descrita em termos que remetem à luz que emana (refulge) a partir de uma fonte. Possivelmente, a melhor analogia que tenhamos na natureza seja o sol e a sua luz.

Se tomarmos o sol como o Pai, Cristo é o brilho do sol – e lembre, por favor, que isso é apenas uma analogia. Num certo sentido, é impossível dissociarmos a luz e o

---

<sup>10</sup> “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.” (**Filipenses 2.5 a 8**)

<sup>11</sup> “O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas” (**Hebreus 1.3**).

calor que emanam do sol do próprio sol. E somente porque a luz e, especialmente, o calor do sol chegam a nós é que mantemos nossa vida física.

Com Cristo é mesma coisa. Assim como o sol, sua luz e seu calor são a fonte indissociável de nossa vida física, o Pai e o Filho – e devemos acrescentar também o Espírito Santo – são a fonte indissociável de nossa vida espiritual.

Mas a analogia introduzida pela expressão refulgência ainda tem um outro aspecto importante. **G.K. Chesterton** certa vez escreveu: “A única coisa criada para a qual não podemos olhar é a única coisa em cuja luz olhamos para tudo.” A alusão do autor inglês ao sol é feita na mesma perspectiva analógica que estamos buscando aqui. Como no plano físico, assim também é no plano espiritual.

“Ninguém jamais viu a Deus,” afirmou João Batista (**João 1.18**),<sup>12</sup> numa referência ao Pai. Ainda assim, só podemos ter vida e discernimento espirituais pelo Pai. E a luz do Pai, que nos permite a vida e o discernimento espirituais, é o Filho.

A rigor, nem mesmo a luz do sol conseguimos contemplar de forma direta. Ela ilumina toda a criação, mas apenas a vemos refletidas nos objetos. Da mesma forma, não conseguimos contemplar a divindade em sua plenitude. Antes, tudo o que podemos contemplar da divindade está impresso no homem Jesus Cristo.

Alguém já afirmou que, se Deus fosse um homem, seria exatamente como o homem Jesus. A brincadeira tem seu valor pois induz a constatação de que tudo aquilo da pessoa de Deus que cabe na mente e na vida de um homem está em Cristo. Esse é o preciso sentido não somente da afirmação de **Colossenses 2.9** como também da segunda verdade afirmada em **Hebreus 1.3**.

“Impressão da essência” de Deus, em tradução literal, é como Jesus é descrito ali. A palavra traduzida literalmente por “impressão” é “caráter”. A origem da palavra caráter é exatamente esta: um molde entalhado em madeira que era usado para reproduzir uma figura ou letra. Noutras palavras, como um carimbo. Por isso foi preferido termo “impressão” para uma melhor compreensão.

---

<sup>12</sup> “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.” (**João 1.18**)

Já a palavra grega traduzida por “essência” é “hipóstase”. Em grego, Jesus é o “caráter da hipóstase” de Deus. As ideias são tão relevantes para a cultura e a teologia ocidental que elas têm equivalentes em língua portuguesa, embora hoje “caráter” signifique outra coisa (não um carimbo, mas o padrão de vida moral da pessoa) e, possivelmente, praticamente mais ninguém deva saber o que significa “hipóstase.”

“Hipóstase” é uma palavra grega que foi empregada em variados sentidos na antiguidade, e com o desenvolvimento teológico passou a ser utilizada como sinônimo de “pessoa” na linguagem trinitária. Mas o melhor sentido que se pode lhe dar, na forma como foi empregada em Hebreus, é mesmo a ideia de *essência* ou de *natureza*.

Ou seja, *Jesus constitui a impressão, num homem, da essência de Deus, da natureza divina*. Tudo aquilo do Pai que está acessível a nós, do ponto de vista moral, intelectual e espiritual, é o que foi tornado acessível por meio do Filho. Jesus é tudo de Deus que cabe na mente e na vida de um homem. Por isso, ele é o modelo a ser imitado.

Essa necessidade de imitarmos a Jesus introduz a importância de estudarmos a sua humanidade. Mas não somente isso. Como homem, como um de nós, ele foi o nosso precursor, e oficia como nosso Sumo Sacerdote diante do Pai.

A humanidade de Cristo e o seu papel como nosso Supremo Sumo Sacerdote serão estudados na próxima lição.

## Lição 3: O Supremo Sumo Sacerdote – A Humanidade de Cristo

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Considerar a humanidade de Jesus e a sua perfeita identificação conosco;
- ✓ Contemplar Jesus como nosso “Supremo Sumo Sacerdote” a partir de um estudo de passagens selecionadas do livro de Hebreus;
- ✓ Vislumbrar o papel que Jesus exerce, hoje, como nosso Sumo Sacerdote, sendo o único mediador entre Deus e homens e oferecendo ao Pai intercessão perfeita por nós.

### Introdução

A lição anterior, sobre a divindade de Cristo, encerrou com consideração da encarnação do Logos de Deus.

Além de **João 1.14**,<sup>13</sup> passagem já estudada, podemos trazer à memória passagens que tratam de seu nascimento virginal: **Mateus 1.20**<sup>14</sup> e **23**<sup>15</sup> (citação da profecia de **Isaías 7.14**) e **Lucas 1.35**.<sup>16</sup>

Jesus foi “concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da virgem Maria,” diz o Credo Apostólico, o mais antigo de todos os credos do cristianismo. De Deus, seu pai, recebeu a divindade. Da parte de Maria, a humanidade, a herança de Adão, mas sem pecado.

Como descendente de Adão, Jesus compartilhou da natureza humana, embora sem pecado.

---

<sup>13</sup> “E o Logos se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (**João 1.14**)

<sup>14</sup> “E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo” (**Mateus 1.20**).

<sup>15</sup> “Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chama-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco.” (**Mateus 1.23**)

<sup>16</sup> “E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.” (**Lucas 1.35**)

Compartilhando da natureza humana, ele pode se apresentar como Supremo Sumo Sacerdote da humanidade.

A Carta aos Hebreus é, possivelmente, o livro do Novo Testamento no qual o sacerdócio de Cristo seja mais enfatizado. Só para que se tenha uma ideia, Jesus é chamado de Sumo Sacerdote 18 (dezoito) vezes ao longo dos 13 (treze) capítulos desta carta.

Iniciemos com uma citação de **Hebreus 7.21-28**, com especial atenção para o **verso 26** (ainda que partes dos demais versos também venham a ser enfatizadas ao longo desta lição):

(21) Mas este com juramento por aquele que lhe disse: Jurou o Senhor, e não se arrependerá; tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque [Sl 110.4], (22) de tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador. (23) E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer, (24) mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. (25) Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. (26) Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus; (27) que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo. (28) Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre.

### **Por que um Sumo Sacerdote?**

A pergunta que deve ser feita é “por que precisamos de um Sumo Sacerdote?” E, mais ainda, por que um Sumo Sacerdote com características tais quais estas descritas na Carta aos Hebreus? Pois é isso que diz o **verso 26**: Cristo, como Sumo Sacerdote, “nos era necessário” (“nos convinha tal sumo sacerdote”).

A primeira resposta está na própria passagem: o sacerdócio de homens é imperfeito, e não pode permanecer, por causa do pecado e da morte (**versos 23 e 28**).

Outra passagem, da mesma Carta, reforça esses motivos:

(10) Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas [o *Pai*], e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse [*aperfeiçoasse*] pelas aflições o príncipe da salvação deles [*Jesus*]. (11) Porque, assim o que santifica [*Jesus*], como os que são santificados, são todos de um [o *Pai*]; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos, (12) dizendo: Anunciarei o teu nome a meus irmãos, Cantar-te-ei louvores no meio da congregação. [*citação do Salmo 22.2*] (13) E outra vez: Porei nele a minha confiança. E outra vez: Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu. [*citação de Isaías 8.17 e 18*] (14) E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele [*Jesus*] participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; (15) e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.

Como nós “participamos da carne e do sangue,” Jesus, para nos salvar e nos aperfeiçoar, precisou, ele mesmo, participar dessas mesmas coisas, “carne e sangue” (**verso 14**). A passagem ainda nos afirma que Cristo foi “aperfeiçoado” pelos sofrimentos (**verso 10**), precisamente com a finalidade de se tornar nosso salvador.

*Como é possível que o Perfeito fosse aperfeiçoado?* Como este é um tema recorrente em **Hebreus**, a ele ainda retornaremos adiante.

O importante, por ora, é notar que, além de enfatizar que Jesus precisava participar da carne e do sangue para nos livrar do poder e do medo da morte, ele também fez isso para aniquilar aquele que detinha o poder da morte, o diabo (**verso 14**).

**Jesus, o único mediador entre Deus e homens**

Vencendo o pecado, a morte e o diabo, Jesus pode se tornar o mediador entre Deus e os homens. Os sacerdotes humanos, por serem imperfeitos, não podiam fazer esta mediação – na verdade, aquela mediação que faziam sempre foi tipológica: tinha como único objetivo apontar para Cristo como Supremo Sumo Sacerdote.

“Porque Deus é um, um também é o mediador de Deus e de homens, o homem Cristo Jesus”, foi o que o apóstolo Paulo escreveu, literalmente, a seu discípulo Timóteo (**1 Timóteo 2.5**).

Por um lado, vimos que o sacerdócio humano introduzia um problema temporal e moral: como todos os sacerdotes um dia morrem, seu sacerdócio não pode ser perfeito. Agora, Paulo apresenta um argumento que podemos chamar de lógico. Se Deus é um, então também somente um pode ser o mediador. E este único mediador entre Deus e os homens é o “homem Cristo Jesus.”

Para se habilitar como este único mediador entre Deus e os homens, Jesus, o Deus-homem, não somente se apresentou como sacrífico em nosso lugar, mas viveu uma vida santa e sem pecado. Nem mesmo maldade se achou em sua boca (**1 Pedro 2.22**,<sup>17</sup> citando **Isaías 53.9**).

Assim, retornando a **Hebreus** lemos não somente que Jesus não pecou, mas em tudo ele foi tentado, como um de nós. E, precisamente porque ele foi tentado em tudo, mas sem pecado, é que ele pode se compadecer de nossas fraquezas (**Hebreus 4.15**).<sup>18</sup>

Vemos, então, que Jesus não somente participou da carne e do sangue, como nós, mas também que ele enfrentou o pecado, sendo tentado em tudo, como nós, tendo se saído também vitorioso.

Isso nos leva diretamente ao ponto crucial da vida de Jesus, aquele momento no qual o Filho de Deus tomou sobre si os nossos pecados, a cruz.

---

<sup>17</sup> “O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano.” (**1 Pedro 2.22**)

<sup>18</sup> “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” (**Hebreus 4.15**)

Sob um determinado aspecto, Cristo só foi capaz de suportar a cruz porque ele é Deus. Nenhum homem poderia carregar tamanho fardo, a não ser, como vimos, um homem que é Deus.

Mas se, por um lado, o sacrifício da cruz só foi possível a Cristo porque ele é Deus, por outro lado, ele foi angustiante quanto seria para qualquer homem. O fato extremo da hematidrose (suor de sangue), no Getsêmani, na noite anterior à crucificação, ilustra o tipo de aflição pelo qual o homem Jesus passou ao saber que iria suportar sobre si a consequência do pecado de toda a humanidade (**Lucas 22.44**).<sup>19</sup>

Há uma provável alusão deste fato em **Hebreus 5.7**.<sup>20</sup> Na sequência do texto, vemos que Jesus, mesmo sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu (**verso 8**) e, assim, foi aperfeiçoado para se tornar a causa da eterna salvação daqueles que lhe obedecem (**verso 9**). A passagem encerra com a alusão ao Supremo Sacerdócio de Cristo (**verso 10**).<sup>21</sup>

Aqui, retornamos ao paradoxo: *poderia o Perfeito ser aperfeiçoado?* Na linguagem bíblica, ser aperfeiçoado é sinônimo de ser completo. Jesus, no sentido divino, já era perfeito. Mas, como homem, ele foi aperfeiçoado, porque precisava ser completado. E ele foi completado pelos sofrimentos. É exatamente neste sentido que vem a afirmação de que ele, sendo filho, aprendeu a obediência pelo que sofreu.

A obediência estava em Cristo, em sua natureza divina, por ser ele perfeito. Mas, ao ser aperfeiçoado (completo) na carne, ele aprendeu a obediência por meio da *experiência*.

---

<sup>19</sup> “E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.” (**Lucas 22.44**)

<sup>20</sup> Compare-se com **Lucas 22.43**, passagem que afirma que um anjo de Deus fortaleceu a Cristo no Getsêmani. A interpretação proposta para as duas passagens em conjunto é a seguinte. A agonia pela qual Jesus estava passando no Getsêmani era tamanha que poderia levá-lo à morte ali mesmo (ver **Mateus 26.38** e **Marcos 14.34**, passagens paralelas, nas quais Jesus afirma estar angustiado “até à morte”). A hematidrose (suor de sangue) foi apenas um sintoma disso. Jesus clamou ao Pai, que o ouviu e o fortaleceu, enviando um anjo (**Lucas 22.43 e 44**). Do contrário, o Senhor teria perecido ali mesmo, e não teria morrido na cruz por nós.

<sup>21</sup> “(7) O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. (8) Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. (9) E, sendo ele consumado [aperfeiçoado], veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem; (10) Chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.” (**Hebreus 5.7 a 10**)



E, assim, tendo participado de tudo o que participamos, mas sem pecado, pôde se tornar Sumo Sacerdote perfeito. Tendo vencido a morte por meio da ressurreição, e estando exaltado à direita do Pai, conhecendo nossas fraquezas, vive para sempre para nos socorrer (**Hebreus 2.17-18**<sup>22</sup> e **4.15**), intercede por nós diante do Pai, e pode nos salvar perfeitamente (**Hebreus 7.25**).<sup>23</sup>

Como já vimos, Jesus se esvaziou momentaneamente de sua glória (**Filipenses 2.5-8** e **Hebreus 2.9**).<sup>24</sup> Mas, após vencer a morte por meio da ressurreição, ele foi exaltado, tendo sido feito, na linguagem de Hebreus, “mais sublime do que os céus” (**Hebreus 7.26b**). Como o **Salmo 24.7** e **9**<sup>25</sup> nos ensina, quando Jesus foi recebido de volta na glória de Deus, as portas dos céus eram pequenas demais para aquele que estava entrando.

A cruz, a ressurreição e a exaltação de Cristo, assim como nossa esperança nele, serão estudadas em detalhes mais adiante. Mas antes, vamos nos deter em seu ensino e em seus milagres.

---

<sup>22</sup> “Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados.” (**Hebreus 2.17-18**)

<sup>23</sup> “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” (**Hebreus 7.25**)

<sup>24</sup> “Vemos, porém, coroados de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos.” (**Hebreus 2.9**)

<sup>25</sup> “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória.” (**Salmo 24.7**; o verso 9 é idêntico)

## Lição 4: O Ensino Moral de Jesus – o Sermão do Monte

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Contemplar a riqueza do ensino moral de Jesus, resumido no Sermão do Monte;
- ✓ Identificar, numa visão panorâmica, um esboço do Sermão do Monte;
- ✓ Compreender o amor como o núcleo da ética cristã;
- ✓ Explorar a riqueza do Sermão do Monte em cada uma de suas diferentes partes, aqui identificadas da seguinte maneira: (1) introdução, (2) exposição da ética do reino de Deus e (3) alertas finais.

### Considerações iniciais

Já estudamos os dois aspectos fundamentais relativos à pessoa de Jesus: sua divindade e sua humanidade. Agora é o momento de nos dedicarmos ao seu ministério terreno. Para isso, comecemos com o seu ensino.

Neste primeiro momento, para considerarmos o ensino de Jesus em seus aspectos morais, vamos nos dedicar ao chamado “Sermão do Monte”, encontrado nos **capítulos 5 a 7 do Evangelho segundo Mateus**.<sup>26</sup>

Certamente esta lição será mais proveitosa para quem estiver bem familiarizado com a passagem. Assim, caso entenda adequado, você pode interromper o estudo para fazer a leitura dos capítulos indicados, e depois retomar. De todo modo, esta lição pode servir como um roteiro de estudo interessante para o Sermão do Monte.

---

<sup>26</sup> Há uma passagem paralela e resumida em **Lucas 6.20-49**. As pequenas diferenças entre uma passagem e outra não são significativas e podem ser atribuídas, por exemplo, a tratar-se de assuntos recorrentes no ensino de Jesus. Note que Lucas não registra que o Senhor tenha subido ao monte. Assim, seu relato pode ser tanto um excerto do sermão encontrado no Evangelho de Mateus quanto uma anotação relativa a um outro momento, que oportunamente chegou ao conhecimento do evangelista.

Nosso objeto de estudo, o Sermão do Monte contém um grande resumo da moral cristã. Os principais aspectos relativos à moralidade cristã, o que podemos chamar de “ética cristã” são encontrados nesta passagem. Mas é importante ressaltar que, por se tratar de um ensino moral, o que temos diante de nós diz respeito a algo que deve ser vivido, mediante um relacionamento com Cristo, não se resumindo a algo que pode ser apenas objeto de conhecimento intelectual.

### **Esboço simplificado do Sermão do Monte**

Podemos dividir o Sermão do Monte em **três partes**.

Na **primeira parte**, temos uma **introdução**, com as chamadas “bem-aventanças” (**Mateus 5.3 a 12**) e algumas palavras sobre o nosso testemunho (**Mateus 5.13 a 16**).

A **segunda parte** do Sermão desenvolve a **ética do reino de Deus**, e vai de **Mateus 5.17 a 7.12**.

Por fim, na **terceira parte**, temos os alertas finais, relativos à importância da vida prática (**Mateus 7.13 a 29**).

### **O núcleo da ética cristã: o amor**

**Mateus 5.43 a 48** e **7.12** são passagens que podem ser apontadas como centrais para este nosso estudo, na medida em que tratam, respectivamente, do “princípio do amor” e da “regra de ouro.” Podemos notar que este ensino está enraizado no mandamento segundo o qual devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos, encontrado na Antiga Aliança em **Levítico 19.18** e citado pelo Senhor em **Mateus 22.39**.

De acordo com o próprio Senhor, no entanto, trata-se do segundo maior mandamento da Lei, semelhante ao primeiro. De maneira que o primeiro e maior mandamento é “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (**Mateus 22.37**, citando **Deuteronômio 6.5**).

De fato, o amor a Deus acima de todas as coisas é o grande fundamento sobre o qual toda a ética cristã é construída, a partir do princípio do amor e da regra de ouro,

e, conseqüentemente, é o grande fundamento implícito em todo o Sermão do Monte. Pode-se dizer, assim, que o amor a Deus é o que permeia todo o ensinamento deste Sermão, e toda a vida prática que nos orienta a viver. Sem o amor a Deus acima de todas as coisas a vida cristã será vazia e sem sentido.

Feita esta ressalva, podemos considerar, ainda que de forma resumida, cada uma das três partes do Sermão.

### **Primeira parte: introdução (Mateus 5.3 a 16)**

Jesus inicia o sermão com as chamadas “bem-aventuranças” (**Mateus 5.3 a 12**). Assim, ele estabelece o padrão do reino de Deus, que já foi chamado de um “reino invertido.” Do ponto de vista terreno um é o conceito de sucesso e de felicidade (como ter uma vida tranquila, um bom emprego, dinheiro, poder, fama e etc.); agora pegue isso e inverta de ponta-cabeça: assim será uma pessoa bem-sucedida de acordo com o padrão do reino de Deus.

O amor a Deus, a base de toda a ética cristã, deve desenvolver em nós um espírito humildade (**Mateus 5.3**), mansidão (**Mateus 5.5**) e um coração puro (**Mateus 5.8**). Se somos de fato assim, entendemos a virtude que há em chorar, porque é o próprio Deus quem nos consola (**Mateus 5.4**; compare com **Apocalipse 21.4**).

Além disso, a misericórdia (**Mateus 5.7**) e a paz (**Mateus 5.9**) são manifestadas como frutos do Espírito de Deus em nossas vidas. Se formos perseguidos por causa da justiça (isto é, da nossa fé em Cristo e da vida reta que ela produz), isso não nos alarma, mas é motivo de alegria, pois assim foi com o próprio Senhor e com os santos que nos precederam (**Mateus 5.10-12**). Cabe a nós desejarmos ardentemente a justiça de Deus (**Mateus 5.6**) – o que, noutras palavras, pode ser compreendido como desejar a sua santidade – e ele mesmo nos fartará.

Das bem-aventuranças Jesus passa, ainda nesta porção que destacamos como sendo introdutória, ao nosso testemunho (**Mateus 5.13-16**): “sal e luz” são as figuras utilizadas para demonstrar que a vida dos seus discípulos fazem diferença onde quer que eles passem (como o sal, emprestam sabor e, como a luz, iluminam).

Vale ainda destacar que o nosso testemunho, nossas boas obras, são para que os homens “glorifiquem a Deus” (**Mateus 5.16**). Note o contraste que há com a imagem pintada, em **Mateus 6.1-6**, acerca dos hipócritas, que fazem tudo para serem vistos pelos homens e serem recompensados pelos homens, em vez de fazer tudo para a glória de Deus.

Como isso deixa claro, o que conta aqui é a motivação interior do coração (glorificar a Deus vs. receber glória dos homens). E essa compreensão de nossas motivações interiores nos leva diretamente para o âmago da ética do Reino de Deus, aspecto que é desenvolvido na segunda parte do Sermão.

### **Segunda parte: a ética do reino de Deus (Mateus 5.17 a 7.12)**

Jesus inicia a tratar da ética do reino de Deus mostrando que, na Nova Aliança celebrada por meio do seu sangue, o que se tem é o “desenvolvimento moral” da Antiga Aliança. É nesse sentido que devemos compreender que o Senhor afirma não ter vindo para revogar a lei, mas para cumpri-la (**Mateus 5. 17**).

Para melhor compreendermos essa afirmação, talvez seja interessante recorrer à distinção que os teólogos fazem entre **lei cerimonial**, **lei moral** e **lei civil ou judicial**.

A **lei cerimonial** diz respeito aos rituais da Antiga Aliança. Todos eles eram tipológicos e apontavam para Cristo. Nesse sentido, na cruz, Jesus cumpriu toda a **lei cerimonial** do Antigo Testamento. É por isso que, na Nova Aliança, não estamos mais sujeitos a estes tipos de preceitos.

Temos, por outro lado, a **lei moral** e a **lei civil ou judicial**. A **lei moral**, encontrada na Antiga Aliança, é aquela que revela, *inicialmente* (registre bem esse *inicialmente*, por favor), a santidade de Deus: o padrão objetivo de conduta que Deus espera do homem. A **lei civil ou judicial**, por sua vez, diz respeito à aplicação da **lei moral** para a regulação da vida da comunidade de Israel após a saída do Egito. Trata-se de leis relativas a um governo limitado no tempo e no espaço. Não têm, nem jamais foi a intenção de Deus que tivessem, aplicação fora daquele contexto específico.

Noutras palavras, a **lei moral**, por revelar o padrão de santidade de Deus, é eterna e atemporal. Já a **lei civil ou judicial** que regulou a sociedade israelita do Antigo

Testamento, embora ressoe este padrão objetivo da lei moral, é temporal e, como diz respeito ao governo da comunidade de Israel, foi feita para ser eventualmente superada.

Usando de termos com alguma carga filosófica, podemos dizer que *a lei moral é necessária*, ao passo que *a lei civil ou judicial, assim como a lei cerimonial, eram contingentes*. Esse é o exato sentido, inclusive filosófico, do que o Senhor afirmou em **Mateus 5.17**.

Agora podemos compreender por que foi afirmado que a **lei moral**, o padrão objetivo de conduta que reflete a santidade de Deus, foi revelada *inicialmente* pela lei do Antigo Testamento. Nesta porção que vai de **Mateus 5.17-7.12** Jesus, claramente, “eleva o padrão” do ponto de vista moral (não basta, por exemplo, simplesmente não cometer o ato de adultério; o que Deus espera de nós é que nem mesmo tenhamos intenção sexual impura). É por isso que afirma que, para alguém entrar no reino de Deus (aquele mesmo reino invertido cujas características já consideramos), a sua justiça deve exceder em muito a dos escribas e fariseus (**Mateus 5.20**), os mais notórios religiosos da época.

Os fariseus, em especial, eram bem conhecidos, por um lado, por serem cumpridores rigorosos da lei do Antigo Testamento. E, mais do que isso, eles, com sua tradição religiosa, ainda acrescentaram muitas coisas à lei. Quando Jesus usa a cláusula “ouvistes o que foi dito aos antigos” ele pode estar fazendo tanto alusão a preceitos morais que foram registrados no Antigo Testamento quanto, simplesmente, à tradição religiosa que foi desenvolvida no judaísmo, apartada da palavra de Deus.

Por outro lado, os mesmos fariseus também eram bem conhecidos pela hipocrisia – e hipocrisia é algo que Deus não tolera. A posição de Jesus contra a hipocrisia fica bem clara em outras passagens dos Evangelhos (como no **capítulo 23 de Mateus**, por exemplo) e também está por trás de passagens importantes do Sermão do Monte, como os contrastes que são apresentados quanto às ofertas, à oração e ao jejum (**Mateus 6.1-8 e 16-18**).

Nesse sentido, além de “elevar o padrão moral” da lei, Jesus foi além, demonstrando que o que importa para Deus é o interior, e não o exterior. A verdadeira

justiça é algo que está no coração, que flui de dentro para fora, não se contentando com um cumprimento frio e objetivo de preceitos morais.

Na verdade, esses dois pontos – a elevação do padrão moral da lei da Antiga Aliança e o ensino de que a justiça é algo que provém de dentro – demonstram que a ética do reino de Deus é impossível ao homem. Isso aponta para dois outros aspectos fundamentais do Evangelho: a cruz de Cristo e a necessidade de uma vida dependente do Espírito Santo de Deus. Mas sobre isso ainda trataremos em momento oportuno.

Aqui, vale ainda destacar que o ensino de Jesus é muito rico. É algo vivo, dinâmico. Ao mesmo tempo em que denuncia a hipocrisia dos fariseus e estabelece o padrão de sinceridade de coração, o Mestre ensina um modelo de oração que reflete o reconhecimento da paternidade divina e a total confiança em Deus (a chamada “oração dominical”<sup>27</sup> ou, simplesmente, o “Pai-Nosso” **Mateus 6.9-3**); e, ao mesmo tempo em que ensina a orar, ensina também a perdoar! (**Mateus 6.12 e 14-15**)

Para encerrar esta seção, já vimos como o núcleo do ensino moral contido no Sermão do Monte é o amor. Essa vida que brota de dentro para fora, alicerçada no amor a Deus sobre todas as coisas e no amor ao próximo, irá se manifestar de forma prática naquilo que tem sido chamado de “regra de ouro”. Aliás, é digno de nota que **Mateus 7.12** inicia com a conjunção conclusiva “portanto”, indicando que uma aplicação prática de toda a ética cristã está em tratar ao próximo como gostaríamos de ser tratados.<sup>28</sup>

### **Terceira parte: alertas finais (Mateus 7.13 a 29)**

O Sermão do Monte encerra com o que podemos chamar de “alertas finais”. Jesus nos fala de “duas portas” e “dois caminhos” (**Mateus 7.13-14**), o que parece estar significativamente relacionado ao princípio do amor e o padrão moral do reino de Deus; alerta quanto ao destino dos “falsos profetas” (**Mateus 7.15-23**), o que está

---

<sup>27</sup> “Dominical”, em latim, significa “do Senhor.” Ou seja, esta oração é chamada assim porque foi ensinada pelo próprio Senhor Jesus.

<sup>28</sup> A “regra de ouro,” em seu aspecto positivo, é algo típico do cristianismo. Outros sistemas éticos, quer filosóficos, quer religiosos (o judaísmo incluído) chegaram, no máximo, ao aspecto negativo da regra de ouro (*não trate os outros como você não gostaria de ser tratado*), também chamado de “regra de prata”. Esta é uma prova contundente da superioridade moral do cristianismo.

claramente ligado ao problema da hipocrisia e encerra com a parábola dos dois construtores (**Mateus 7.24-29**), que nos ensina que a prudência, a sabedoria prática, está não somente em ouvir, mas em praticar os ensinamentos de Jesus.

O Sermão do Monte, assim, encerra com uma parábola. E nossa próxima lição será sobre as parábolas de Jesus.



## Lição 5: O Ensino de Jesus por meio de Parábolas

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender a importância das parábolas, e por que Jesus escolheu ensinar por este tipo de discurso;
- ✓ Vislumbrar uma chave para a compreensão de grande parte das parábolas proferidas por Jesus na consideração do que se passa no coração do ser humano;
- ✓ Perceber o que fazer e o que não fazer com as parábolas;
- ✓ Aplicar o que foi estudado na busca da compreensão do sentido das parábolas de Jesus.

### Introdução

Na lição anterior, nos dedicamos, ainda que brevemente, ao estudo do Sermão do Monte como forma de considerarmos o ensino moral de Jesus. Agora o estudo já iniciado acerca do ensino do Mestre avançará para a consideração de suas parábolas, os meios pelos quais Jesus ensinou acerca do Reino de Deus.

Um grande teólogo do passado já afirmou que o Deus revelado no Evangelho de Jesus Cristo é sublime e humilde, e ele é sublime exatamente em sua humildade. Essa ideia acerca de Deus pode ser facilmente adaptada para o ensino de Jesus a respeito do reino de Deus e, assim, podemos afirmar que o ensino de Jesus é sublime e humilde, e sublime precisamente em sua humildade. As parábolas, possivelmente, revelem os aspectos mais sublimes e mais humildes do ensino do Filho de Deus.

### Por que ensinar por meio de parábolas?

Jesus proferiu mais ou menos quarenta parábolas. O número total vai depender de quem conta, já que há certa controvérsia sobre a classificação de alguns de seus discursos como parábolas, e há quem dispute se um grupo de histórias contabiliza

parábolas separadas ou uma parábola só (como é o caso da sequência encontrada em **Lucas 15.1-32**: a ovelha perdida, a dracma perdida e o filho pródigo).

Deixando de lado essas controvérsias a respeito da quantidade exata de parábolas, o fato de Jesus ter utilizado aproximadamente quarenta dessas figuras de linguagem é muito significativo, já que quarenta, na Bíblia, corresponde a um ciclo completo. Assim, podemos entender que o ensino de Jesus a respeito do reino de Deus é um ensino completo, perfeito.

Na perspectiva do Novo Testamento, uma parábola é uma história corriqueira, que utiliza fatos do cotidiano dos ouvintes para comunicar verdades espirituais. Assim, num primeiro momento, a comunicação era de fácil compreensão para quem estava ouvindo: Jesus estava, no sentido terreno, “falando a língua” dos seus ouvintes. Mas, examinando-se de forma mais detalhada, é possível encontrar um sentido espiritual mais profundo (e este sentido revela o próprio objetivo pelo qual a parábola foi contado): na verdade, para além de estar falando a linguagem terrena de seus ouvintes, Jesus estava comunicando verdades espirituais, ocultas desde a fundação do mundo (**Mateus 13.35**, citação do **Salmo 78.2**).

Assim, além de se revelarem como um veículo de comunicação simples, as parábolas contêm um sentido espiritual mais profundo, somente passível de ser alcançado mediante a iluminação do Espírito Santo, revelando a sublimidade do ensino do mestre na sua humildade.

Esse aspecto profundamente espiritual do ensino contido nas parábolas, inclusive, foi profetizado (veja-se **Isaías 6.9-10** e a citação da profecia pelo próprio Cristo em **Mateus 13.14-15**). Isso ressalta que, para além de uma simples meditação sobre uma situação do dia-a-dia, este ensino tão especial somente terá o seu verdadeiro sentido revelado para aqueles que estiverem abertos à sua compreensão; noutras palavras, estiverem abertos para a atuação do Espírito Santo.

Essa verdade espiritual é afirmada por Jesus naquela que talvez seja a mais conhecida de todas as parábolas, a “Parábola do Semeador” (**Mateus 13.1-9** e **18-23**; **Marcos 4.1-20**; **Lucas 8.4-15**). A respeito desta parábola, há dois aspectos muito importantes a serem enfatizados. O primeiro é que o próprio Mestre explicou o seu

sentido – e isso não aconteceu na maioria das parábolas, o que talvez possa dificultar um pouco a sua compreensão. O segundo é que a Parábola do Semeador parece fornecer algum esquema para compreendermos todas as demais parábolas (**Marcos 4.13**).<sup>29</sup> E esse esquema, ao que tudo indica, diz respeito ao que se passa no interior do coração do ser humano.

### O que fazer com as parábolas?

Quando o assunto são as parábolas, uma seção importante – na qual Jesus conta oito parábolas (cerca de 20% de todas as parábolas que proferiu, portanto), explica duas delas e ainda enfatiza o motivo pelo qual ensinou por meio de parábolas – é encontrada no **capítulo 13 do Evangelho de Mateus**.

Esta seção encerra com uma parábola, que parece nos dizer o que fazer com as parábolas. Ao final do seu ensino aos discípulos, Jesus perguntou se eles haviam compreendido o que ouviram, ao que eles responderam positivamente (**Mateus 13.51**). Diante disso, Jesus lançou mão da última parábola desta seção, segundo a qual “todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas” (**Mateus 13.52**).

Este ensino de Jesus – ele mesmo proferido em forma de parábola – nos demonstra que devemos ter a palavra de Deus nos nossos corações, conhecer bem o seu significado (o possível sentido da alusão às “coisas velhas”), mas trazê-la de uma forma relevante e renová-la para os dias em que vivemos (o possível sentido da alusão às “coisas novas”). Assim, podemos inclusive entender que é possível considerar as parábolas à luz da realidade que vivenciamos hoje e, especialmente, trazer o seu sentido – as “coisas ocultas desde a criação do mundo” que foram reveladas pelo Senhor (novamente, **Mateus 13.35**) – para uma aplicação concreta na nossa vida diária, neste mundo tão diferente da Palestina do século I.

Sabendo que as parábolas, em linhas gerais, dizem respeito ao que se passa no coração humano e que elas são dotadas de um sentido espiritual que vai além da história escolhida para ilustrar aquele sentido, é necessário buscar compreender qual

---

<sup>29</sup> “E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? Como, pois, entendereis todas as parábolas?” (**Marcos 4.13**)

é, precisamente, o significado espiritual das parábolas. Para utilizar uma expressão que é conhecida de quem está familiarizado com o ensino de crianças, o importante é buscar a “moral da história”. E, mais do que isso, como Jesus também ensinou numa parábola que já consideramos ao encerrarmos o estudo sobre o Sermão do Monte (a parábola dos dois construtores), o mais importante é colocarmos em prática aquilo que as parábolas do Mestre nos ensinam.

Por exemplo, há parábolas que tratam sobre arrependimento,<sup>30</sup> parábolas que tratam sobre a importância do perdão,<sup>31</sup> parábolas que tratam sobre o dever de orar sem cessar,<sup>32</sup> sobre amar ao próximo<sup>33</sup> e sobre servir a Deus de forma diligente.<sup>34</sup> Nesse sentido, podemos dizer que as parábolas ilustraram, numa linguagem figurada e de uma forma acessível aos seus ouvintes, o ensino moral do Senhor Jesus. Cristo, realmente, embora seja muito mais do que um mestre, é um mestre formidável!

O que se espera de nós, diante dessas parábolas? Como a já lembrada parábola dos dois construtores nos ensina, o Senhor espera de nós é a obediência (ou seja, que coloquemos em prática o que aprendemos das parábolas de Jesus). Nas palavras de **Calvino**, “todo conhecimento reto de Deus nasce da obediência.”

Logo, se as parábolas ensinam sobre arrependimento, é porque devemos ter consciência de nossa condição diante de Deus e nos arrepender. Se ensinam sobre perdão, devemos perdoar assim como fomos perdoados por Deus. Se ensinam sobre oração incessante, devemos orar sem cessar. Se ensinam sobre servir a Deus de forma diligente, devemos fazer isso.

Nesse sentido, é importante reforçar, o segredo está em compreender o sentido geral da parábola, a “moral da história”, e colocar isso em prática. Até mesmo por sua estrutura simples, as parábolas tratam de um tipo de sabedoria prática que os antigos denominavam de “prudência”, e não à toa o homem que pratica as palavras de Jesus é por ele mesmo comparado ao construtor “prudente”.

---

<sup>30</sup> E são mais de uma, pois tanto a parábola dos dois filhos (**Mateus 21.28 a 32**) quanto a do filho pródigo (**Lucas 15.11 a 32**) tratam sobre o assunto, embora esta segunda tenha também outro sentido. A parábola do fariseu e do publicano (**18.9 a 14**) também pode ser considerada neste grupo.

<sup>31</sup> **Mateus 18.23 a 35.**

<sup>32</sup> **Lucas 18.1 a 8.**

<sup>33</sup> **Lucas 10.30 a 37.**

<sup>34</sup> **Mateus 24.45 a 51, 25.14 a 30; Lucas 19.13 a 27.**

### O que – talvez – não fazer com as parábolas?

Se é assim, é possível que haja algo que também *não devemos fazer com as parábolas* (ou, ao menos, devemos fazer com muito cuidado...). Como a parábola já é uma linguagem figurada que tem por objetivo transmitir um ensinamento moral, alegorizar o sentido das próprias parábolas não parece ser algo muito recomendável.

Um exemplo desse tipo de alegorização talvez não muito recomendável foi o que **Agostinho de Hipona** fez com a “Parábola do Bom Samaritano” (**Lucas 10.30-37**).

De acordo com Agostinho, o homem que descia de Jerusalém seria Adão; os bandidos que o atacam, Satanás e seus demônios; o sacerdote e o levita, que passam sem ajudar o homem, seriam os ministros do Antigo Testamento, que não pode trazer a salvação; o samaritano seria Jesus; a hospedaria na qual o homem foi deixado seria a igreja, onde as pessoas recebem conforto e cuidado; as duas moedas significariam as promessas de Deus ou, numa outra possibilidade, os dois “sacramentos” do batismo e da ceia do Senhor; o hospedeiro seria o apóstolo Paulo (?!).

Ora, Agostinho, o próprio Mestre deixou claro, ao instigar a reflexão de seu interlocutor, qual é o sentido da parábola: ilustrar quem é o próximo (**Lucas 10.36-37**); ou seja, quem se compadece verdadeiramente com os outros sem olhar para a aparência, assim como Jesus mesmo fez!

De todo modo, se a alegoria procura apenas reforçar algum aspecto do ensino moral retirado do sentido geral da parábola – como é possível até mesmo compreender a interpretação sugerida por Agostinho para a Parábola do Bom Samaritano, especialmente se pensarmos no caráter de Cristo e na igreja como o lugar onde os feridos podem ser cuidados – não haverá maiores prejuízos.

No entanto, se a alegorização da parábola é utilizada para criar uma doutrina ou respaldar algum tipo de visão sobre um ponto controverso ou obscuro, então devemos ficar alertas e evitar esse tipo de interpretação.

### Pronto para praticar?

Esta lição, como não poderia ser diferente em razão de nossas restrições de tempo e espaço, teve por objetivo apenas esclarecer linhas gerais a respeito do ensino de Jesus por meio de parábolas. Ainda assim, ela pode ter lhe fornecido elementos para exercitar uma interpretação saudável das Escrituras e, o que é mais importante, praticar a obediência ao ensino moral encontrado na Palavra de Deus, mediante a direção do Espírito Santo.

Assim, podemos encerrar com algumas perguntas, com o objetivo de estimular a prática da interpretação e da obediência. Medite a respeito e, se quiser, fique à vontade para escrever suas observações numa folha de papel, nas notas de seu celular ou em um arquivo de texto no computador. Ah, e não se esqueça de orar pedindo para que o Espírito Santo lhe conduza neste exercício de interpretação e, o que é mais importante, na obediência à Palavra de Deus.

*Qual a sua parábola favorita? Qual o ensino moral contido nela?*

*Há alguma parábola que você tenha dificuldade em compreender? Usando as ferramentas apresentadas nesta lição, você consegue, mediante a dependência do Espírito Santo, fazer um esforço adicional para avançar na interpretação dessa parábola?*

## Lição 6: O Ensino de Jesus Acerca de Si Mesmo – o “EU SOU” no Evangelho de João

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender a importância do uso da expressão “eu sou” por Jesus no Evangelho de João;
- ✓ Vislumbrar os diferentes aspectos da identidade de Jesus expressos naquilo que ele ensinou a respeito de si mesmo utilizando a fórmula “eu sou” no Evangelho de João.

### Introdução

Agora é o momento de nos concentrarmos no ensino de Jesus acerca de si mesmo. Muitas pessoas, seja hoje, seja nos dias de Cristo, dizem e disseram coisas a respeito do Senhor (veja-se, por exemplo **Mateus 16.13-16**). Mas as palavras de Jesus acerca de si mesmo, obviamente, revestem-se de importância especial.

Dentre tudo o que Jesus disse sobre sua própria pessoa, vamos nos deter nas vezes em que ele afirmou “eu sou” no Evangelho de João.

No grego, a língua na qual o Novo Testamento foi escrito, a narrativa de uma afirmação de Jesus acerca de si mesmo Jesus poderia utilizar somente o pronome pessoal “eu” ou somente o verbo “sou.” Aliás, há algumas vezes em que ele mesmo faz isso (como em **João 13.13**, em que, no original – lembre que estamos pensando no original – ele usa apenas o verbo “sou”).

Por isso, quando os Evangelhos retratam uma afirmação enfática de Jesus do tipo “eu sou”, esta construção redundante não deve ser encarada como simples descuido ou desatenção. Pelo contrário, há um significado teológico, espiritual, mais profundo, que merece ser investigado por nós.

Dentre todos os Evangelhos, o do apóstolo João é o mais rico do ponto de vista teológico; é aquele que enfatiza a divindade de Jesus. Não à toa, é também aquele no qual mais encontramos Jesus afirmando “eu sou.”

O significado espiritual mais profundo disso é uma clara alusão ao nome de Deus, revelado na antiga aliança (veja-se **Êxodo 3.14**). Assim, ao afirmar enfaticamente “eu sou” (melhor seria escrevermos em maiúsculo: “EU SOU”), Jesus está intencionalmente afirmando sua divindade, identificando-se com o Deus “EU SOU” (*Javé*).

A principal e mais significativa dessas ocorrências no quarto Evangelho – e por isso iremos destacá-la por primeiro – é encontrada em **João 8.28** e **58**. Nesses dois versos, Jesus afirma expressamente que é o “EU SOU”.

Num primeiro momento (**verso 28**), afirmando que sua divindade seria reconhecida quando ele fosse levantado, numa alusão à sua crucificação (nesse mesmo sentido, veja-se **João 3.14**). Essa afirmação pode ser interpretada como Jesus afirmando ser “o enviado do Pai”, mas, em razão da ocorrência seguinte, pode também ser compreendida como uma afirmação de sua divindade e da sua eternidade.

Isso porque depois, quando o debate com os judeus se intensificou, Jesus expressamente sua preexistência (**verso 58**), comparando-se com Abraão, a quem eles estavam invocando como pai.

### “Eu Sou” (o Messias)

Em razão de seu papel central para a consideração do tema, utilizamos **João 8.28** e **58** para introduzir o estudo. Mas a primeira vez, no quarto Evangelho, que encontramos Jesus afirmando “Eu sou” foi à beira do poço em Sicar, para a mulher samaritana (**João 4.26**).

Como Jesus está respondendo a uma inquietação daquela mulher (veja o **verso 25**), a verdade implícita nesta afirmação, além da referência à sua divindade, é a de que ele é o Messias. Messias em hebraico, Cristo em grego, Ungido em português. Jesus veio como o Ungido de Deus para realizar uma obra específica: anunciar a Verdade (ele mesmo é a Verdade), morrer pelos nossos pecados e governar o universo como Senhor.



No contexto da Antiga Aliança, o exercício de três funções requeriam a unção com óleo: o ofício de profeta, o ofício de sacerdote, e o ofício de rei. Jesus, como o Messias, o Cristo, o Ungido de Deus, desempenha estes três ofícios de forma perfeita e definitiva, e isto será, precisamente, o assunto da nossa próxima lição.

### **“Eu Sou o Pão da Vida”; “Eu Sou o Pão Vivo que Desceu do Céu”**

No **capítulo 6**, após ter alimentado cinco mil homens (além de mulheres e crianças) mediante a multiplicação milagrosa de cinco pães e dois peixes e, possivelmente por isso, ter sido procurado do outro lado do lago da Galileia pela multidão para ser coroado como rei, Jesus proferiu um discurso que foi considerado muito duro por aqueles que não tinham compreensão de o compreender.

Comparando-se com o pão que saciou a fome física da multidão e com o maná, que Deus mandou quando da peregrinação de Israel pelo deserto, Jesus afirmou ser “o Pão da Vida” (**João 6.48**) e o “Pão Vivo que desceu do céu” (**João 6.51**).

Ao fazer isso, apontou tanto para o seu perfeito sacrifício (veja o final do **verso 51** e compare com **João 6.4**, indicando que isso aconteceu próximo à Páscoa) quanto para o fato de que ele sacia definitivamente nossas necessidades espirituais (nossa fome e sede espiritual), pois sua carne é verdadeira comida e seu sangue é verdadeira bebida (**João 6.55**).

### **“Eu Sou a Luz do Mundo”**

Jesus não somente sacia nossa fome e sede espirituais; ele também nos dá a direção, nos leva a viver uma vida que agrada ao Pai. Por isso, afirmou “Eu sou a Luz do Mundo” (**João 8.12**).

Ao estudarmos, numa lição anterior, o Sermão do Monte, vimos que Jesus, ao tratar do nosso testemunho, afirma que somos, além do “sal da terra”, a “luz do mundo” (**Mateus 5.14**)

Portanto, se ele é a luz do mundo e se nós, estando nele, também somos a luz do mundo, segue-se que só iremos brilhar de verdade, dando um bom testemunho, se

refletirmos a luz de Cristo. Noutras palavras, não temos luz em nós mesmos; toda verdadeira luz espiritual procede do Senhor Jesus.

### “Eu Sou a Porta das Ovelhas”; Eu Sou o Bom Pastor”

Em **João 10.7** e **10.11a** Jesus faz duas afirmações que, consideradas em seu contexto, parecem indicar uma mesma verdade: ele afirma ser “a Porta das Ovelhas” e “o Bom Pastor.”

Na passagem, há uma riqueza muito grande de detalhes que, em razão de nossa limitação de tempo e espaço, não poderemos explorar aqui. Mas estas afirmações têm em vista, especialmente, demonstrar o cuidado de Jesus para com aqueles que são seus. Assim como um pastor de um pequeno rebanho daqueles dias conhecia as suas ovelhas pelo nome, e estas ouviam a sua voz e os seguia, assim também é com Jesus e aqueles que são seus (**João 10.4-5**).

Em seu contexto, essas afirmações contrastam aqueles que não são de Cristo (em especial, os judeus que o estavam contestando e com os quais teve sérios debates, especialmente nos dois capítulos anteriores) com aqueles que são seus, como é foi o caso do cego de nascença curado no capítulo anterior (**João 9.1-7**) e de todos aqueles que seguem verdadeiramente a Jesus, tornando-se seus discípulos.

Ainda considerando o contexto dessas afirmações, em especial a recusa obstinada dos judeus, especialmente os escribas e fariseus, em crerem em Jesus, ele afirmou ter outras ovelhas, pertencentes a outro aprisco, numa alusão aos gentios, demonstrando que o Evangelho é para todos. Nesse contexto, afirma que “haverá um rebanho e um Pastor” (**João 10.16**). Essa verdade tem uma relação particularmente importante com a última afirmação que iremos estudar (“Eu Sou a Videira Verdadeira”).

Nessa mesma passagem, há uma afirmação que não pode ser esquecida. Jesus lembra que “o bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (**João 10.11b**), o que é uma clara alusão à sua morte substitutiva na cruz por nós.

### “Eu Sou a Ressurreição e a Vida”

Mas Jesus não afirmou apenas sua morte substitutiva (seu sacrifício vicário). No capítulo seguinte, afirmou seu poder sobre a morte: “Eu Sou a Ressurreição e a Vida” (**João 11.25**). E, na mesma ocasião, o Mestre ainda acrescentou: “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.”

Cristo é a Vida, a verdadeira vida espiritual. A vida está nele, afirma o Evangelista, noutra passagem (**João 1.4**). Assim, somente o Senhor Jesus pode comunicar a verdadeira vida espiritual.

No entanto, considerando que todos pecaram (**Romanos 3.23**) e estão mortos em seus delitos e ofensas (**Efésios 2.1**; entenda-se: *espiritualmente mortos*), para que a vida espiritual nos seja comunicada, é necessário que haja ressurreição. Assim, Jesus não é somente a Vida. Ele também é a própria Ressurreição. Ele traz à vida aquilo que estava morto, e isso é especialmente verdadeiro em se tratando da vida espiritual.

Foi por isso que o próprio Jesus, havendo se entregue pelos nossos pecados, ressuscitou ao terceiro dia. A morte não poderia conter o Autor da Vida! A ressurreição de Jesus é a base segura, a única base de nossa confiança de que ele nos ressuscitará com Ele.

Para demonstrar seu poder sobre a morte, Jesus operou um milagre tremendo. Trouxe Lázaro, irmão de Marta e Maria, de volta à vida, quatro dias após a sua morte. Os Evangelhos relatam outras situações em que Jesus ressuscitou mortos (como a filha de Jairo e o filho da viúva de Naim), mas apenas Lázaro foi trazido de volta à vida após quatro dias. Na verdade, Jesus esperou propositalmente estes quatro dias, para mostrar seu poder incontestável sobre a morte, porque corria entre os judeus uma crença de que o espírito, após a morte, rondava o corpo do falecido por três dias para ver se podia voltar à vida. Após o quarto dia, em razão do estágio de decomposição que o cadáver atingia, a credence dos judeus afirmava que não seria mais possível o espírito voltar ao corpo.

Portanto, ao ressuscitar Lázaro, Jesus realizou um milagre que não poderia, ainda que em bases equivocadas, reconheça-se, ser contestado pelos judeus que o testemunharam.

Mas, mais do que isso, essa afirmação, tomada em seu contexto e considerada à luz do restante do ensino do Novo Testamento, nos demonstra que Jesus, que venceu a morte e ressuscitou, é poderoso para trazer da morte espiritual para a vida espiritual, hoje, todo aquele que nele crê.

### **“Eu Sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida”**

Uma vez trazidos da morte para a vida, a verdadeira vida espiritual que é o próprio Cristo, o único Caminho que há para caminharmos é identificado também com a pessoa de Jesus. Por isso ele também afirmou: “Eu Sou o Caminho, e a Verdade e a Vida” (**João 14.6**).

Essa afirmação Jesus fez aos seus discípulos, no cenáculo da última ceia, após Judas haver saído para trai-lo. Os discípulos, representados por Tomé, sem compreenderem que as profecias a respeito do sofrimento do Cristo estavam prestes a se cumprir, queriam saber para onde Jesus iria, e qual o caminho a seguir (**João 14.5**). Por isso, o Mestre afirmou ser o próprio Caminho, e que a única forma de alguém ir até o Pai é por meio do Filho. Nessa mesma passagem, Jesus afirmou, apesar da repetida dificuldade dos discípulos de compreenderem, sua unidade com o Pai, de tal forma que quem vê ao Filho vê ao Pai (**João 14.7 a 11**).

Além de afirmar ser o Caminho e a Vida (sobre esta afirmação já refletimos no tópico anterior), Jesus afirmou ser também “a Verdade.” Assim, biblicamente, a verdade não é um conceito, ou uma ideia. A verdade é identificada com uma Pessoa, a Pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor. Nunca é demais lembrarmos disso, especialmente em dias como estes em que vivemos, nos quais o mundo afirma que a verdade não existe, ou então que cada um deve construir a sua própria verdade. Essas afirmações não passam de ideias sem qualquer sentido, na medida em que toda a verdade está em Cristo.

### **“Eu Sou a Videira Verdadeira”**

Por fim, a última das vezes que Jesus utiliza a expressão que estamos estudando, afirma, novamente para os onze, possivelmente no caminho para o Getsêmani, “Eu Sou a Videira Verdadeira” (**João 15.1**).

No Antigo Testamento, a videira era uma figura para Israel (veja-se, por exemplo, **Isaías 5.1-7**, **Salmo 80.8-16**, **Jeremias 2.21**, **Ezequiel 19.10** e **Oseias 10.1**). Assim, Jesus está afirmando que Ele é o verdadeiro Israel. Ressoando aquela controvérsia verificada alguns capítulos antes com os judeus, que invocavam sua descendência natural de Abraão, Jesus demonstra que o verdadeiro descendente de Abraão, em quem será chamada a verdadeira descendência de Abraão, é ele mesmo, o Cristo de Deus. Da mesma forma, os verdadeiros descendentes de Abraão, os descendentes espirituais de Abraão, não são a descendência carnal de Abraão, mas aqueles que estão em Cristo (ver **Romanos 2.28-29**).

Além disso, nessa passagem Jesus nos ensina a permanecermos nele, já que ele é a Videira e nós, os ramos (**João 15.2-5**). Além de recebermos a vida por meio dele, permanecer nele é a única condição para que possamos dar verdadeiros frutos espirituais. Assim, fora de Cristo, a Videira verdadeira, nós, que somos apenas ramos, não teremos proveito nenhum para Deus.

## Lição 7: Os Ofícios de Jesus – Profeta, Sacerdote e Rei

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender o significado da expressão grega “Cristo” e de seu equivalente hebraico, “Messias”;
- ✓ Vislumbrar os três ofícios exercidos por Jesus como o Ungido de Deus e sua importância fundamental: profeta, sacerdote e rei.

### Introdução

Na lição anterior, consideramos, dentre outras afirmações de Jesus acerca de si mesmo encontradas no Evangelho de João, a resposta dada à mulher samaritana à beira do poço em Sicar, indicando-nos que ele é o Cristo (**João 4.26**).

Este é o momento de contemplarmos com mais atenção o sentido desta afirmação.

Já vimos que “Cristo” é uma palavra grega que traduz o termo hebraico “Messias.” Traduzidas para o português, ambas as expressões significam “Ungido.” *Jesus, portanto, é o Ungido de Deus.*

Na Antiga Aliança, muitas pessoas eram ungidas com óleo, para desempenharem funções diferentes. O óleo, como sabemos, é uma figura do Espírito Santo de Deus.

Logo, num primeiro momento, podemos notar que dizer que Jesus é o Ungido de Deus é dizer que ele foi ungido com o Espírito Santo. Aliás, a Escritura parece tratar o espírito de Cristo como sinônimo do próprio Espírito Santo (cf. **Romanos 8.9**, **Filipenses 1.19**, e **1 Pedro 1.11**). Isso significa que há, no espírito do homem Jesus, uma unidade completa com o Espírito Santo de Deus. Do ponto de vista da Teologia, as ideias de pericorese e de apropriação, já trabalhadas em outra lição, procuram explicar, respectivamente, esta interpenetração entre a segunda e a terceira pessoas da Trindade e a participação de uma na obra da outra.

Significativa da consideração de Jesus como o Ungido de Deus é o relato encontrado em **Lucas 4.16-30**, em que, na sinagoga de Nazaré, ele leu a profecia contida em **Isaías 61.1-2** e afirmou que, naquele mesmo dia, a Escritura estava se cumprindo diante de seus ouvintes.

Para aprofundarmos nosso estudo neste tema, a consideração das diferentes funções para as quais as pessoas eram ungidas na Antiga Aliança é muito enriquecedora, pois nos aponta para os três ofícios desempenhados simultaneamente por Jesus.

No contexto do Antigo Testamento, eram ungidos com óleo aqueles que iriam desempenhar as funções de *profeta*, de *sacerdote* e de *rei*. Assim, *Jesus, o Ungido de Deus, desempenha esses três ofícios*.

Notemos, no entanto, que muitos eram os que recebiam a unção para estas funções na Antiga Aliança. Jesus, porém, é o único e verdadeiro Ungido de Deus. Podemos dizer que todos os profetas, sacerdotes e reis encontrado no Antigo Testamento eram apenas sombras, figuras, tipos de Cristo. Seu objetivo era prefigurar aquele que viria para exercer essas funções de forma definitiva.

Além disso, na Antiga Aliança estas funções eram desempenhadas, cada uma, por pessoas diferentes. Até a vinda de Jesus, o Messias, jamais os ofícios de profeta, sacerdote, e rei foram acumulados por uma só pessoa. Há dois episódios na vida de Saul que ilustram isso muito bem, registrados em **1 Samuel 10.11ss** e **13.8ss**.

Passemos, então, a considerar os três ofícios desempenhados por Jesus como o Ungido de Deus.

### **O Ofício de Profeta**

Até mesmo de forma intuitiva, temos a tendência de associar “profecia” à predição do futuro. É claro que a predição do futuro é encontrada no ofício profético do Antigo Testamento, e o próprio Jesus predisse eventos futuros, seja de pessoas específicas, como no caso de Pedro (p.ex. **Mateus 26.34** e **João 21.18-19**), seja em relação ao futuro da humanidade e da sua segunda vinda (p.ex. **Mateus 24**).

No entanto, a ênfase sobre o caráter preditivo da profecia – ou seja, sobre a previsão do futuro – tende a obscurecer o principal e mais importante aspecto desse dom. *A profecia consiste na comunicação da Palavra de Deus.* O profeta é aquele que revela aos homens o que está no coração de Deus. Ou seja, *o profeta é quem estabelece a interlocução entre Deus e os homens.*

A continuidade e o contraste entre o ministério dos profetas das Antiga Aliança e o ofício profético de Jesus é afirmando de forma muito clara em **Hebreus 1.1**:

Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.

Aquilo que havia sido comunicado de forma parcial pelos profetas, no Antigo Testamento, agora, em Jesus, é comunicado de forma definitiva e completa. Aliás, grande parte da mensagem dos profetas tinha o objetivo de apontar para a vinda do próprio Cristo. Pedro, inclusive, diz que foi pelo próprio espírito de Cristo que os profetas testemunharam acerca das salvação por intermédio das aflições do Messias, e das glórias que lhe seguiriam (**1 Pedro 1.10-12**).

Além disso, a revelação de Deus encontrada em Cristo se coloca, quando comparada com os profetas da Antiga Aliança, num outro patamar. Jesus não apenas transmitiu a palavra de Deus aos homens. Ele é a própria palavra, o Logos que se fez carne (**João 1.14**), e isso nos remete a uma lição anterior.

De fato, Jesus é o ponto culminante do processo de autorrevelação de Deus na história da humanidade, e esse é o sentido pleno de seu ofício profético.

### **O Ofício de Sacerdote**

No Antigo Testamento, além dos profetas, os sacerdotes eram ungidos com óleo para desempenharem suas funções. De fato, na lei encontramos uma riqueza de detalhes sobre como deveria ser a unção de Arão e seus descendentes para que exercessem a função de sacerdotes (p.ex. **Êxodo 29.7** e **40.15**).



Podemos pensar na diferença entre o ofício profético e o ofício sacerdotal em termos de sentido, ou de direção. O ministério do profeta vai de Deus em direção ao homem, comunicando a mensagem de Deus para os homens. Já o ministério do sacerdote vai dos homens para Deus. Assim, enquanto o profeta é o representante de Deus perante os homens, um sacerdote representa os homens diante de Deus.

No Antigo Testamento, essa função de representação dos homens perante Deus desempenhada pelo sacerdote tinha dois aspectos principais. Oferecer sacrifícios e interceder. Ambas as funções são plenamente cumpridas por Jesus.

Os sacrifícios da Antiga Aliança tinham apenas o objetivo de apontar para o sacrifício perfeito de Cristo na cruz do calvário, e a este assunto dedicaremos, mais adiante, uma lição inteira.

Por outro lado, Jesus, como nosso Supremo Sumo Sacerdote, vive para sempre para interceder por nós na presença do Pai. E, como vimos na lição em que tratamos acerca da humanidade de Cristo, sua intercessão por nós é perfeita exatamente porque ele se identificou completamente conosco em nossa humanidade, em nossas fraquezas e em nossas tentações, embora sem pecado. Assim, não temos um sumo sacerdote distante, ou que não saiba o que passamos. Pelo contrário, Jesus, como nosso Sumo Sacerdote diante de Deus, conhece de perto nossas fraquezas e misérias e, por isso, pode apresentar ao Pai, por nós, perfeita intercessão.

Já vimos também que Jesus é, indiscutivelmente, o único mediador entre Deus e os homens (**1 Timóteo 2.5**). Essa verdade bíblica, à luz do ofício sacerdotal de Jesu, indica-nos pelo menos mais dois aspectos importantes e que precisam ser tratados aqui.

O primeiro é que ninguém, seja vivo, seja morto, pode interceder por outra pessoa como Jesus intercede por nós. O único representante dos seres humanos diante de Deus é Cristo; o único que vai ao Pai com autoridade intercessória é Jesus.

Isso não significa, obviamente, que não possamos interceder uns pelos outros. No entanto, sempre nos colocaremos na posição de intercessores como iguais, e não como superiores. Ou seja, não há, além da autoridade de Cristo, autoridade intercessória especial entre os homens, e a intercessão de um ser humano por outro

somente será eficaz se for realizada na autoridade do próprio Cristo, mediada, portanto, por ele mesmo.

Noutras palavras, ao intercedemos uns pelos outros fazemos isso numa condição de auxílio mútuo decorrente do amor fraternal, e não por dispormos de alguma posição de autoridade especial.

Nessa perspectiva, o segundo ponto a destacar é o fato de que Cristo, por seu sangue, nos constitui como uma nação de sacerdotes (**1 Pedro 2.9** e **Apocalipse 1.6 e 5.10**). Compreendida em seu contexto, esta verdade bíblica nos demonstra que todos nós temos, por meio de Cristo, acesso direto ao Pai. Ou seja, não precisamos que outro ser humano, como sacerdote, se interponha entre nós e Deus. Esse acesso é o próprio Cristo que nos garante mediante o seu ofício sacerdotal perfeito e definitivo.

### **O Ofício de Rei**

Por fim, além dos profetas e dos sacerdotes, também os reis eram ungidos com óleo no contexto da Antiga Aliança. Jesus, portanto, além dos ofícios de profeta e de sacerdote, acumula o ofício de rei.

“Rei dos reis” e “Senhor dos senhores,” “nome acima de todo nome” (lembrando que, nesse contexto, nome significa autoridade), “príncipe dos reis da terra”, “Rei da glória”, “Filho de Davi” são apenas algumas das designações atribuídas pelas Escrituras a Jesus que indicam a sua realeza, o seu ofício de rei.

E aqui, ao considerarmos o ofício real de Jesus, a natureza do reino de Deus, devemos tomar cuidado, pois a Escritura claramente ensina que este reino não é como os reinos deste mundo. Na verdade, é prudente que dividamos o reino de Cristo em dois aspectos: o seu aspecto presente e o seu aspecto futuro.

Jesus é, indiscutivelmente, o Senhor do universo, e este título ele detém por natureza (já que é o Filho de Deus) mas também por direito, uma vez que sua entronização nos céus é afirmada na Bíblia como uma conquista do Filho em razão de sua submissão à vontade do Pai e seu sacrifício na cruz.

No entanto, no presente, o reino de Cristo é um reino muito diferente dos demais reinos e governos deste mundo, pois não se trata de um reino físico - antes, de um reino espiritual. Embora seja, num sentido amplo, o Regente de todo o universo, no que diz respeito aos seres humanos, num sentido estrito, Jesus apenas reina sobre aqueles que voluntariamente se sujeitam ao seu governo.

Assim, hoje, nesse sentido estrito, Jesus governa sobre seres humanos arrependidos e redimidos, resgatados pelo seu sangue, e este governo é implementado mediante a direção do Espírito Santo de Deus. “Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito”, falou o Senhor por meio de um de seus profetas (**Zacarias 4.6**).

Além disso, aqueles que são governados por Cristo também reinam e reinarão com Ele (novamente, **Apocalipse 1.6** e **5.10**, além de **Lucas 12.32**, **Romanos 5.17**, **2 Tessalonicenses 1.5-6**, **2 Timóteo 2.12**). Mas isso precisa ser bem compreendido e, de fato, somente é bem compreendido à luz do contexto que já estamos considerando. A Escritura ensina claramente que participamos do reino de Cristo à medida que compartilhamos de seus sofrimentos. Assim, as tribulações e aflições desta vida não devem ser enfrentadas com desespero por nós; ao invés, devem ser consideradas motivo de esperança, pois por meio delas nos tornamos coparticipantes de Jesus em seu reino, e a vida e o caráter de Jesus podem ser formados em nós.

Tudo isso é o que diz respeito ao reino de Cristo no presente. Mas há, ainda, como mencionado, o aspecto futuro, que concerne ao fim de todas as coisas, à consumação escatológica do seu reino.

No futuro, Jesus voltará para julgar esta terra, punir os desobedientes e reinar, em novos céus e nova terra, juntamente com aqueles que são seus. Esta verdade bíblica é tanto o objeto de nossa esperança quanto o motivo de nossa vigilância constante, nos estimulando a viver uma vida de piedade e santidade. E sobre a segunda vinda de Cristo trataremos ainda de forma específica numa próxima lição.

## Lição 8: Os Milagres de Jesus no Evangelho de João

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender a importância dos milagres registrados no Evangelho de João;
- ✓ Vislumbrar os diferentes aspectos da identidade de Jesus ressaltados pelos milagres registrados no Evangelho de João.

### Introdução

Acabamos de estudar os três ofícios desempenhados por Jesus (profeta, sacerdote e rei). Estas funções de Cristo estão diretamente ligadas ao seu papel como redentor da humanidade. Neste momento, vamos nos dedicar a estudar um pouco sobre os milagres de Jesus, a fim de ilustrar o seu grandioso poder como o Logos de Deus encarnado.

De fato, Jesus realizou muitos milagres, a maioria deles registrados nos Evangelhos ditos “sinóticos”, Mateus, Marcos e Lucas. O Evangelho de Lucas, escrito que foi por um médico, registra muitos milagres com detalhes especiais, e o relato de algumas curas é encontrado apenas no terceiro evangelho (o que não é de estranhar, em razão do acurado trabalho de pesquisa histórica feita por seu autor).

O número preciso da quantidade de milagres realizados por Jesus depende do método utilizado para a sua contabilização, mas ele gira em torno, ou ao menos chega próximo de, quarenta. Aqui, vale a observação similar àquela feita a propósito das parábolas. Quarenta, nas Escrituras, representam um ciclo completo. O fato de os Evangelhos registrarem cerca de quarenta milagres tem um significado muito especial, pois aponta para a completude do ministério de Cristo. Ou seja, Jesus não apenas curou aqueles com quem ele teve contato no relato dos Evangelhos: ele pode curar a todos os que se aproximam dele em fé e confiança em sua obra.

O caráter simbólico da quantidade de milagres registrados nos Evangelhos é especialmente destacado pelo Evangelho de João, que ainda não havia sido

mencionado, mas que será usado para conduzir nosso estudo nesta lição. Usando uma figura de linguagem chamada de hipérbole, o Quarto Evangelho afirma que, se tudo aquilo que Jesus fez fosse registrado, os livros escritos não caberiam no mundo (**João 21.25**). De todo modo, seja em razão da hipérbole empregada por João, seja em razão da simbologia que o número quarenta implica na Bíblia, o fato é que podemos ter certeza de que Jesus operou muitos outros milagres além daqueles registrados no Novo Testamento.

Noutra passagem semelhante, João afirmou que, embora Jesus tenha realizado ainda muitos outros milagres, aqueles registrados em seu Evangelho o foram para nós crermos que Jesus é o Cristo e para, crendo, termos vida em seu nome (**João 20.31**).

O interessante é que o Evangelho de João é o que registra a menor quantidade de milagres: oito, ao todo; sete antes da crucificação e um após a ressurreição. Além disso, João utiliza a expressão “sinais” para designar os milagres.

Se levarmos em conta o caráter do Evangelho de João – o mais celestial dos quatro, exatamente porque tem por objetivo demonstrar a divindade de Cristo – e o fato de que João fez uma seleção cuidadosa dos milagres que registraria tendo em vista o propósito do que estava escrevendo, facilmente compreenderemos que há uma importância didática em estudarmos os milagres de Jesus registrados no quarto Evangelho. De alguma forma, cada um deles tem o objetivo de nos revelar um dos aspectos da especial identidade do Filho de Deus, a fim de edificar a nossa fé e nos transmitir a sua vida (novamente, **João 20.31**). Esse, portanto, é o motivo pelo qual, nesta lição, estudaremos os milagres de Jesus registrados no Evangelho de João.

### **Primeiro milagre: água transformada em vinho**

O primeiro milagre registrado no Evangelho de João (e, possivelmente, de fato o primeiro de todos os milagres feitos por Jesus) foi a *transformação da água em vinho no casamento em Caná da Galileia* (**João 2.1-11**).

Que lições aprendemos com este milagre? Podemos dizer que este milagre liga de forma muito especial o início do Evangelho de João com o seu final. No início do Evangelho, Jesus é apresentado como o Logos de Deus, por meio de quem todas as

coisas foram feitas (**João 1.3**). No final do Evangelho, temos o relato da morte de Jesus na cruz, ocasião na qual ele verteu o seu sangue para nos purificar de nossos pecados.

Assim, num primeiro momento podemos perceber que a alteração radical não somente das moléculas, mas dos próprios átomos da água, para que fossem transformados em átomos de vinho, apontam para Jesus como o Logos de Deus, criador de todas as coisas. Somente o poder criativo de Deus seria capaz de um milagre tão grande quanto esses. É claro que todos os milagres realizados por Jesus apontam para o seu poder sobre a natureza (pois esta é a própria definição de milagre). Mas este, em especial, em razão da transformação tão radical que operou dentro daqueles jarros.

Por outro lado, o fato de Jesus haver transformado a água em vinho aponta para o seu sacrifício na cruz, uma vez que o vinho é, no Novo Testamento, o símbolo para o sangue de Cristo, vertido em nosso favor.

Além disso, o milagre, com a produção de vinho, aponta ainda para aquela afirmação de Jesus que estudamos em outra lição: “Eu sou a videira verdadeira” (**João 15.1**), representando que Cristo é o verdadeiro Israel de Deus.

Ainda nesse contexto da superação da Antiga Aliança, é interessante notar que a água estava em jarras que os judeus utilizavam para fazer purificações rituais (**João 2.6**). Explorando um pouco mais a riqueza de detalhes da cena, percebemos que os rituais da Antiga Aliança são substituídos pelo sangue de Cristo, aquele que é poderoso e suficiente para nos purificar dos pecados de uma vez por todas.

### **Segundo milagre: cura do filho do oficial do rei**

O segundo milagre registrado por João é, novamente em Caná, no caminho da Judeia para a Galileia, a cura do filho do oficial do rei (**João 4.46-54**).

Além do evidente poder de Jesus sobre a doença e a morte, inclusive com a possibilidade de realizar a cura à distância, este milagre ainda nos revela algo muito importante a respeito do caráter do Evangelho. Para nós, hoje, essa questão pode passar um pouco batida (apesar de ter ainda hoje implicações muito importantes), mas para os judeus da época ela representava algo muito significativo.

Esse “oficial do rei”, possivelmente, era um gentio (ou seja, um não-judeu). A realização deste milagre, portanto, coloca-se como um indicativo, da parte de Cristo, de que judeus e gentios estão em pé de igualdade quanto à proclamação do Evangelho e da salvação trazida por Cristo, algo que mesmo os primeiros discípulos levaram algum tempo para compreender completamente.

Ainda nessa perspectiva, não devemos esquecer que este milagre aconteceu logo após Jesus haver se revelado como o Cristo para uma mulher samaritana (**João 4.26**).

### **Terceiro milagre: cura de um paralítico junto ao tanque de Betesda, no sábado**

O que chama a atenção quanto ao terceiro milagre registrado no quarto Evangelho (**João 5.1-18**), além do fato de se tratar de um paralítico que jazia enfermo havia trinta e oito anos, é o fato de que a cura foi realizada num sábado. Os outros Evangelhos registram o fato de Jesus ter realizado curas no sábado e isso ter deixado as autoridades religiosas do judaísmo alarmadas (p.ex. **Lucas 13.10-17**), mas João registra expressamente que, por causa do milagre em questão, os judeus tencionaram matar Jesus.

E é significativo o fato de que este milagre tenha sido registrado logo após o registro da cura de um gentio, no caminho da Judeia para a Galileia. Por um lado, Jesus já havia começado a quebrar as barreiras étnicas consideradas intransponíveis para os judeus. Por outro lado, os judeus, apegados à Antiga Aliança e às tradições humanas que foram construídas com o passar do tempo a partir da Antiga Aliança (a religiosidade do judaísmo), começavam claramente a rejeitar o Messias.

Assim, esse contraste entre o contexto do segundo e do terceiro milagre claramente ilustra a afirmação encontrada logo no começo do Evangelho (**João 1.11-12**):

(11) Veio para o que era seu, e os seus não o receberam, (12) mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que creem no seu nome.

### **Quarto milagre: multiplicação de pães e peixes**

O quarto milagre realizado por Jesus foi a multiplicação de cinco pães e dois peixes, por meio da qual alimentou 5.000 homens, mais mulheres e crianças (**João 6.5-15**). Este foi o primeiro milagre deste tipo, tendo Jesus realizado outro similar, porém apenas registrado em Mateus e Marcos. O interessante deste milagre é que ele é o único registrado em todos os quatro Evangelhos. Qual o seu significado? Além de apontar, assim como no caso do primeiro milagre, a condição de Jesus como o Logos divino, criador de todas as coisas (pois somente o poder do Criador seria capaz de fazer tamanho sinal), este milagre tem um significado especial se levarmos em conta o discurso que Jesus proferiu no dia seguinte, do outro lado do Mar da Galileia, no qual ele afirmou ser o “pão da vida” e o “pão vivo que desceu do céu” (**João 6.48 e 51**).

Assim, considerando o contexto imediato, notamos o seguinte: Jesus tem, sim, poder para saciar a fome física, multiplicando pão; mas seu objetivo é saciar nossa fome e nossa sede espiritual, e nossas necessidades espirituais só podem ser supridas por ele mesmo, o Cristo de Deus. A realização daquele primeiro milagre deu a Jesus a oportunidade de apresentar essas questões para reflexão daquele povo e nossa.

Naquela ocasião, o discurso do Pão da Vida não foi bem aceito pelos judeus - que, como vimos, já estavam começando a rejeitar o Messias. Que nós, ao contrário, possamos compreender o valor deste verdadeiro alimento espiritual e nos alimentemos sempre de Jesus.

#### **Quinto milagre: caminhar sobre as águas**

Entre a multiplicação dos pães e peixes e o discurso proferido do outro lado do Mar da Galileia, o Evangelho de João registra que Jesus andou por sobre as águas, indo ao encontro dos seus discípulos, que estavam lutando com as águas agitadas durante a noite (**João 6.16-21**).

Na verdade, Jesus havia se retirado para o monte, a fim de orar, fugindo da multidão, que estava decidida a tomá-lo para fazer dele rei.

João não registra muitos detalhes acerca deste milagre, mas na narrativa do primeiro Evangelho (**Mateus 14.22-33**) encontramos Pedro indo ao encontro de Jesus sobre as águas, o que tem servido de base, ao longo da história, para muitas



mensagens sobre a fé e a necessidade de confiar exclusivamente em Cristo, e não nas circunstâncias em redor.

Embora João não registre esta iniciativa de Pedro em especial, o milagre em questão tem sido interpretado como uma demonstração da autoridade de Jesus sobre os poderes da natureza e como um ensino a respeito da importância da fé e da confiança no Cristo que pode caminhar por sobre as águas.

### **Sexto milagre: a cura de um cego de nascença**

O sexto milagre de Jesus registrado por João, e o segundo realizado num sábado, é a cura de um cego de nascença (**João 9.1-14**). Da análise do contexto deste milagre, há três aspectos que merecem ser destacados.

O primeiro é o contraste entre o que se pode chamar de “teologia da retribuição” contra uma teologia da glória exclusiva de Deus. Os discípulos imaginavam que aquela cegueira fosse consequência do pecado de alguém. Jesus, porém, afirmou que não se tratava, naquele caso, de consequência de pecado, mas de uma situação que tinha por objetivo glorificar a Deus, em razão da cura que seria realizada.

O segundo aspecto é que este milagre se coloca como uma resposta a uma crença corrente entre os judeus, à época. Há algo interessante acerca do Antigo Testamento: nele não se encontra o relato da cura de um cego. Há o relato de ressurreições, de cura de leprosos, de intervenções divinas sobre a natureza, mas nunca, nunca um cego sequer foi curado antes de Jesus. Por isso, os judeus criam que a cura de um cego - ainda mais se fosse um cego de nascença! - era algo especialmente sobrenatural e milagroso; algo digno do próprio Messias.

No entanto, quando Jesus realizou este milagre, as autoridades religiosas judaicas prontamente o acusaram de haver quebrado o sábado. Nisso, podemos perceber como a religiosidade daqueles homens o cegou para a grandeza de Deus que estava se manifestando diante deles mesmo.

Os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) registram outras curas de cegos. Mas esta, registrada por João, é particularmente significativa em razão do contexto no qual é relatada – e este é o terceiro aspecto que merece destaque. O

**capítulo 9**, no qual a cura é descrita, obviamente, vem depois do **capítulo 8** e antes do **capítulo 10**. No primeiro, como já vimos noutra lição, Jesus se apresenta como “a luz do mundo” (**João 8.12**, o que ele retoma em **João 9.5**), além de se apresentar com o Deus pré-existente (o “Eu Sou”: **João 8.28** e **58**). Após realizar o milagre da cura do cego, Jesus afirma expressamente que os fariseus é que eram – necessariamente a partir da perspectiva espiritual – cegos (**João 9.41**). Após isso, ele se apresenta como a “Porta das Ovelhas” e o “Bom Pastor” (**João 10.9** e **11**), estabelecendo um claro contraste entre aquele que fora cego e que não somente foi curado, mas ouviu a sua voz (e, portanto, faz parte do seu rebanho), e os fariseus, que não ouviram a sua voz e o rejeitaram (e, por isso, não eram de Deus).

#### **Sétimo milagre: a ressurreição de Lázaro**

O último milagre que Jesus fez antes de ser crucificado foi a ressurreição de Lázaro (**João 11.1-44**). Já vimos, noutra lição, que foi exatamente neste contexto que Cristo afirmou ser “a ressurreição e a vida” (**João 11.25**), e aqui já ficou claro que há uma clara conexão entre esta lição e a anterior, uma vez que constantemente os milagres, no Evangelho de João, estão conectados às vezes em que Jesus, no original, usou a fórmula “Eu Sou” para indicar sua divindade, o que fizemos questão de destacar nesta lição.

Se, por um lado, o milagre realizado por Jesus em Betânia acentuou o ímpeto dos fariseus por matá-lo, por outro este milagre prenuncia a ressurreição do próprio Cristo, sua vitória sobre o poder da morte e do pecado, a tão grande salvação que ele nos proporcionou por meio de sua cruz. Aliás, a cruz de Cristo é, exatamente, o assunto da nossa próxima lição.

#### **Oitavo milagre: a segunda pesca miraculosa**

Após ressuscitar, Jesus operou ainda mais um milagre. Trata-se de uma “segunda pesca miraculosa” (**João 21.1-24**), uma vez que a primeira dessas pescas está registrada em **Lucas 5.1-11**. Há certa aura de mistério envolvendo este milagre, em especial o motivo pelo qual o Evangelista registrou um número exato. Comentaristas mais recentes destacam que o número ficou registrado porque, ao contrário da

primeira pesca miraculosa, as redes não se romperam, e isso teria causado grande espanto aos discípulos envolvidos.

Mas há comentários mais antigos que são interessantes, e especulam com o sentido dos números envolvidos. A tendência desse tipo de comentário é compreender que a pesca representa a salvação (o que pode encontrar amparo na parábola de **Mateus 13.47-50**), e que o número significa que esta salvação é voltada para todos os povos. No século V, Jerônimo, por exemplo, afirmou que 153 eram as espécies de peixes conhecidas pelos estudiosos da época e, assim, a salvação seria destinada a todos os povos da terra. Haveria, nesse sentido, uma ligação com os sentidos subjacentes a outros milagres realizados no Evangelho de João, especialmente os dois primeiros.

Por outro lado, parece evidente que esta segunda pesca miraculosa também se colocou como um elemento importante no processo, relatado no **capítulo 21 do Evangelho de João**, de restauração da identidade ministerial de Pedro após este haver negado Cristo três vezes, em especial porque foi exatamente após a primeira pesca miraculosa que o Senhor o chamou para ser “pescador de homens” (**Lucas 5.10**).

## Lição 9: A Cruz – o *Sacrifício Vicário* – de Cristo

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Vislumbrar a importância da obra de Cristo na cruz;
- ✓ Articular a ideia de expiação;
- ✓ Compreender o triunfo de Cristo sobre o poder do pecado, da lei e de satanás;
- ✓ Contemplar a dimensão existencial da cruz de Cristo.

### Introdução

Tendo já estudado, em lições anteriores, os principais aspectos relativos à identidade de Cristo (tanto sua divindade quanto sua humanidade) e sobre seu ensino, na lição anterior estudamos um pouco acerca de sua obra, na medida em que – dirigidos pelo relato do quarto Evangelho – estudamos os seus milagres.

No entanto, embora Jesus tenha realizado muitos milagres como sinais - usando aqui a mesma linguagem do apóstolo João - de sua identidade divina, o principal aspecto da obra de Cristo não está nos seus milagres, mas na sua morte na cruz do Calvário e na sua ressurreição. O sacrifício do Cordeiro de Deus sobre a cruz é o assunto desta lição; sua ressurreição, o tema da próxima.

Para ambas as lições, usaremos como texto básico a afirmação de Paulo em **1 Coríntios 15.3-4**:

(3) Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, (4) e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

Esta passagem nos demonstra de forma muito clara como é impossível separarmos o sacrifício de Cristo na cruz de sua ressurreição. De fato, a cruz teria muito pouco a nos comunicar se não estivesse associada à ressurreição. Na verdade, sob um certo sentido, quando fazemos referência à cruz de Cristo, inclusive nas

ordenanças que praticamos como memoriais (a ceia e o batismo), estamos também fazendo referência à sua ressurreição. No entanto, por questões puramente didáticas, iremos estudar cada um destes temas numa lição.

Assim, para estabelecermos um roteiro básico para estudarmos a cruz de Cristo, ao texto de **1 Coríntios** podemos acrescentar, ainda, a passagem de **Colossenses 2.14-15**:

(14) Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. (15) E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo.

Somando-se essas duas passagens, aprendemos que, na cruz, Jesus **(1)** morreu pelos nossos pecados, **(2)** anulou o poder da lei e do pecado e, por fim, **(3)** triunfou sobre Satanás e seus demônios. Por fim, esses três aspectos nos apontam, ainda, para **(4)** a dimensão existencial da cruz.

### **Cristo morreu por nossos pecados, como diz a Escritura**

Como diz a Escritura, quer dizer, como foi profetizado no Antigo Testamento, registrado e ensinado no Novo Testamento, o Senhor Jesus Cristo morreu por nossos pecados.

Deus não criou a humanidade para viver no pecado. No entanto, todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus (**Romanos 3.23**). O pecado estabelece uma dívida, uma ofensa contra a santidade de Deus que é cometida não apenas por um único homem, mas por toda a humanidade, e Paulo mesmo tratou disso em **Colossenses 2.14**.

Essa dívida precisa ser quitada, e a verdade é que nenhum homem jamais foi capaz de quitá-la. Por melhores que tenham sido os seres humanos ao longo da história, nenhum deles jamais atendeu ao padrão de justiça e santidade de Deus. Todos os seres humanos, nascidos de Adão (ou seja, nascidos da carne), estão debaixo da mesma condenação de Adão.

Somente um novo homem, o “último Adão” (**1 Coríntios 15.45**), Cristo, foi capaz de satisfazer ao padrão de santidade e justiça de Deus. E, como toda a humanidade estava sujeita à morte por causa do pecado, coube a Cristo morrer por nosso lugar.

A morte de Cristo na cruz, portanto, foi substitutiva. Ele morreu em nosso lugar. Por isso, também, sua morte na cruz tem sido chamada de “sacrifício vicário”, já que vicário significa substitutivo.

O sentido básico disso é que Cristo tomou o nosso lugar. A condenação, a maldição que estava sobre nós, recaiu sobre ele. De fato, para nos livrar da maldição, ele mesmo foi feito maldição por nós (**Gálatas 3.13**).

Dizemos que Jesus satisfaz as exigências da justiça divina, em outras palavras, é afirmarmos que ele fez “expição” por nós. Tradicionalmente, a expiação pode ser entendida tanto numa perspectiva criminal quanto civil. Devemos apenas reforçar que se trata de analogias com a aplicação da lei dos homens e que, portanto, podem deixar a desejar.

A analogia com o aspecto criminal nos indica que Jesus cumpriu a pena que estava destinada a nós em razão do pecado. Já a analogia com o aspecto civil indica que ele pagou a dívida que tínhamos para com Deus.

**C.S. Lewis** explora a riqueza da expiação com o seguinte raciocínio: em razão do pecado, o problema com o qual os seres humanos têm que lidar é o sofrimento e a morte; Jesus, Deus feito homem, veio em nosso auxílio, e passou exatamente pelo que temos que passar – sofrimento e morte – para nos auxiliar a superá-los. Ou seja, sem a ajuda de Cristo não seríamos capazes de vencer o pecado e as suas consequências: o sofrimento e a morte.

### **Cristo anulou o poder da lei e do pecado**

Essa explicação de Lewis nos leva diretamente ao segundo aspecto da cruz de Cristo que desejamos destacar nesta lição. Na sua cruz, Jesus anulou o poder da lei e do pecado. Essa é uma afirmação que, para ter seu valor reconhecido por nós e ser

adequadamente aplicada, deve ser compreendida no contexto da conexão entre a Antiga e a Nova Aliança.

Já consideramos o pecado, o seu poder sobre todos os seres humanos de Adão até Cristo, e sua consequência: a morte. “O aguilhão da morte é o pecado,” afirmou o apóstolo Paulo em **1 Coríntios 15.56**, o que nos ensina que o pecado nos empurra para a morte; e, na mesma passagem, encontramos a afirmação de que “a força do pecado é a lei” (a referência é a lei de Deus, dada no Antigo Testamento). Qual o sentido desta afirmação?

O sentido mais evidente desta afirmação é encontrado na Carta de Paulo aos Romanos. Em **Romanos 3.20b** lemos que a função da lei é nos levar ao “reconhecimento do pecado” (esta talvez seja a melhor forma de traduzir). O mesmo nos afirma **Romanos 7.7b**. Ou seja, não teríamos conhecimento do pecado, não reconheceríamos que somos pecadores, se não tivéssemos o espelho do padrão da lei moral de Deus para nos contemplarmos. Seríamos, de todo modo, pecadores, mas sem condições de reconhecermos isso. Que quadro de cegueira e desespero!

Mas não devemos ficar apenas no **capítulo 3** de **Romanos**. Se avançarmos até o **capítulo 7** da mesma carta, veremos que nossa situação, mesmo reconhecendo o pecado por causa da lei, não é menos desesperadora. Pois há em nosso corpo uma lei que nos prende à lei do pecado e da morte, e que nos leva, constantemente, da desobedecer à lei de Deus (só aqui a palavra lei foi usada em três acepções diferentes; no capítulo, Paulo utiliza, ao todo, cinco sentidos diferentes para a palavra lei).

O resumo disso é que a lei de Deus é boa, pois foi dada por Deus e revela o padrão de santidade de Deus; mas, ao se associar ao poder do pecado, que está em mim e me domina, a lei não produz vida, apenas morte. Como sou irremediavelmente pecador, não encontro no regime da lei de Deus outra coisa que não seja condenação e morte.

No entanto, Cristo morreu sobre a cruz e ressuscitou exatamente para nos tirar do regime da lei. Ele nos libertou da lei e do pecado, para que vivamos em novidade de vida, dirigidos pelo Espírito Santo de Deus. E essa novidade de vida, é importante notar, tem uma ligação direta com a sua ressurreição, assunto de nossa próxima lição.

A lei de Deus permanece válida e, como padrão de conduta que revela a santidade de Deus, está aí para ser obedecida. Mas ninguém será aceito por Deus por obedecer à sua lei, pelo simples motivo de que isso é impossível ao ser humano. No entanto, libertados do poder do pecado e da lei, pela cruz de Cristo, agora podemos obedecer a Deus pelo agir interior do Espírito Santo em nós.

É importante deixar isso bem claro. Todo pecado é desobediência à lei de Deus, e a lei, embora nos leve ao reconhecimento do pecado e à nossa necessidade completa de Cristo, não foi dada por Deus para ser desobedecida. O que acontece é que nenhum ser humano é capaz de estabelecer um relacionamento com Deus com base na obediência de Deus; pelo contrário, a base para nosso relacionamento com Deus é a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, e a única possibilidade que temos de atender às santas e legítimas exigências da lei de Deus é mediante a atuação do Espírito Santo a partir de nosso interior, numa vida de relacionamento com Deus por meio de Cristo.

Em suma, na cruz Jesus triunfou sobre o pecado e sobre o regime da lei, nos libertando da lei e do pecado para uma novidade de vida em seu nome.

### **Cristo triunfou sobre satanás e seus demônios**

Além deste triunfo sobre o poder do pecado e sobre o regime da lei, a cruz também estabeleceu a vitória de Jesus sobre satanás e seus demônios. É a isso que Paulo afirma ao mencionar “principados e autoridades” em **Colossenses 2.15**.

E nisso vemos claramente o caráter invertido sobre o reino de Deus. Aos olhos humanos (e, possivelmente, aos olhos do império das trevas também), aquele homem sobre a cruz não passava de um derrotado, um condenado. No entanto, como ele não era passível daquela condenação (nem do ponto de vista judicial, pois não cometeu crime nenhum, nem do ponto de vista moral, pois jamais cometeu qualquer pecado), sua morte na cruz foi nada mais nada menos do que o supremo ato de amor de Deus para a humanidade. Um amor tão grande que não pode ser compreendido; um amor tão grande que não pode ser resistido.



Assim, toda aquela vergonha e humilhação enfrentadas por Cristo na cruz (de fato, nossa vergonha e nossa humilhação que o Filho de Deus estava tomando sobre si) acabaram por se transformar na vergonha e na humilhação de seus próprios adversários espirituais. Pois foi na cruz que Jesus, embora humilhado na carne, triunfou no Espírito, prevalecendo sobre satanás e seus demônios. Assim, quem a cruz verdadeiramente expôs ao desprezo e à humilhação foram os principados e potestades, definitivamente derrotados que foram pelo Senhor em razão de seu sublime sacrifício.

### **A dimensão existencial da cruz**

Antes de encerrarmos, é importante destacar o profundo aspecto existencial da cruz, que nos fornece uma resposta adequada para enfrentarmos as dificuldades de nossa caminhada cristã, não importando em qual estágio dela estejamos. Muitos têm uma tendência de imaginar a mensagem da cruz como algo sendo ligado à proclamação do Evangelho para não-crentes e tendem, com isso, a deixar de lado o valor que a cruz tem para o cristão em seu dia-a-dia.

Jesus não apenas nos substituiu na cruz do calvário. Para nos substituir, ele precisou se identificar conosco. E ele se identificou conosco assumindo nossos pecados, sofrendo por nós e morrendo por nós. Da mesma forma como Cristo se identificou conosco na cruz, nós nos identificamos com Ele na cruz. “Tenho sido crucificado junto com Cristo,” escreveu Paulo em **Gálatas 2.20**.

Assim, a cruz de Cristo revela uma dimensão existencial muito significativa. Nela, toda a nossa vida pode ser ressignificada, e podemos encontrar, mediante a humilhação, o arrependimento e o quebrantamento, resposta para nossas ambiguidades morais (pois, embora justificados, permanecemos pecadores) e para a ansiedade existencial que experimentamos em nossa vida. Que resposta temos ao contemplarmos a cruz de nosso Senhor, sua identificação conosco e, conseqüentemente, nos identificarmos também com ele em sua cruz.

Se, por um lado, temos esta significativa resposta existencial na cruz de Cristo, por outro lado o resultado que ela produz em nós não seria possível sem que sua

ressurreição nos comunicasse sua vida. E este é, como já sabemos, o assunto da próxima lição.

## Lição 10: A Ressurreição e a Exaltação de Jesus

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender a estreita relação entre a morte e a ressurreição de Jesus;
- ✓ Vislumbrar a novidade de vida que há em Cristo Jesus;
- ✓ Contemplar a importância da exaltação de Jesus e do derramamento do Espírito Santo;
- ✓ Articular a ressurreição de Jesus com a viva esperança que temos nele.

### Introdução: a estreita relação entre a morte e a ressurreição de Jesus

Na lição anterior estudamos a importância da cruz de Cristo. Já consideramos que o principal aspecto da obra de Cristo não está em seus milagres, mas em sua morte substitutiva na cruz. Vimos também que o Novo Testamento nos demonstra que há uma conexão direta entre a morte de Jesus na cruz e a sua ressurreição.

Nosso texto base, já na lição anterior, foi **1 Coríntios 15.3-4**. Agora, vale a pena relembrarmos esta passagem:

(3) Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, (4) e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

O sacrifício de Cristo na cruz é muito importante, mas ele só foi completo por sua ressurreição. Como Paulo nos ensina em **Romanos 4.25**, Jesus foi entregue por causa dos nossos pecados, mas ele ressuscitou pela nossa justificação. Podemos dizer, assim, que a morte de Cristo pagou o preço pelos nossos pecados, e a sua ressurreição nos comunica a sua vida, motivo pelo qual podemos ser feitos justos diante de Deus.

### A ressurreição em seus efeitos sobre nós – a novidade de vida em Cristo

Esta conexão da obra da cruz com a ressurreição é particularmente explorada por Paulo na sequência da mesma carta, mais precisamente em **Romanos 6.4-11**:

(4) De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. (5) Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; (6) sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. (7) Porque aquele que está morto está justificado do pecado. (8) Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; (9) sabendo que, tendo sido Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele. (10) Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. (11) Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor.

Já vimos, na lição anterior, que é possível falar, a partir de **Gálatas 2.20**, numa “dupla identificação” da cruz de Cristo. Na cruz, Jesus se identificou comigo, tomando a minha humanidade. Crucificado com ele, eu posso também viver por meio dele. Ou seja, há uma identidade estabelecida entre Jesus e mim na sua morte. Ele morreu a minha morte, assumindo a minha condenação por causa do pecado, saldando a minha dívida para com Deus. Logo, o meu velho homem, corrompido pelo pecado, foi morto juntamente com ele na cruz.

Essa é uma realidade espiritual. Independentemente de termos conhecimento disso, o fato é que Jesus morreu na cruz, e lá o nosso velho homem morreu juntamente com ele. Por isso é que Paulo explora essa realidade espiritual nesta passagem, orientando-nos a nos “considerarmos” não somente mortos para o pecado, mas também vivos para Deus em Cristo (**Romanos 6.11**).

Pensando bem, de que nos adiantaria apenas ter morrido juntamente com Cristo? Sem a ressurreição, sua obra de Jesus na cruz teria sido incompleta e, se é que

podemos afirmar isso, não teria muito sentido para nós. Pois somente há sentido falar que morremos juntamente com ele se com ele também ressuscitarmos. Esta é a conexão que Paulo estabelece nesta passagem, utilizando-se do batismo como símbolo não somente de nosso sepultamento com Cristo, mas também de nossa ressurreição com ele, e nos ensinando, adicionalmente, que não faz sentido que alguém que já está morto para o pecado permaneça pecando (ver **Romanos 6.1-2**).

Talvez seja interessante entender nos aprofundarmos um pouco na questão por detrás destas afirmações de Paulo, até mesmo com o objetivo de compreendê-las um pouco melhor. Aqui, Paulo está enfrentando uma heresia que já estava correndo na sua época, conhecida como antinomianismo, segundo a qual seria possível, uma vez salvo por Cristo, permanecer vivendo uma vida de pecado. Os gnósticos hereges que assim ensinavam chegavam a afirmar que isso faria com que a graça de Cristo aumentasse ainda mais sobre o pecador. E o pior, Paulo, como um pregador da graça, estava sendo acusado falsamente de propagar esta mesma heresia (veja-se **Romanos 3.8**).

Essa é uma compreensão equivocada acerca da graça de Deus, e ela sempre está retornando à igreja. Graças a Deus que os apóstolos já lidaram com este equívoco ainda no século I, deixando-nos orientação segura sobre como conduzir nossas vidas, dirigidos pelo Espírito Santo.

Toda heresia é uma extrapolação da verdade. Esta, em particular, leva em conta apenas a verdade da morte de Jesus para perdão de nossos pecados, mas esquece o poder de sua ressurreição, a qual nos comunica a sua vida, para que vivamos em santidade diante de Deus. Isso nos leva diretamente à consideração da obra do Espírito Santo em nós, e é por isso que devemos estudar, juntamente com a obra da cruz e a ressurreição, a exaltação de Jesus.

### **A exaltação de Jesus e o derramamento do Espírito Santo**

Para se identificar conosco e morrer no nosso lugar, Jesus se esvaziou, humilhando-se e assumindo forma de servo. Sobre isso, há várias passagens no Antigo Testamento, mas talvez a mais conhecida seja **Filipenses 2.5-8**.

A sequência do Texto, no entanto, mostra que, como consequência de sua humilhação e de sua obediência, Jesus foi exaltado, recebendo o nome que está acima de todo nome, nome diante do qual um dia todo joelho se dobrará, nome que um dia toda língua confessará (**Filipenses 2.9-11**).

De fato, após haver ressuscitado, Jesus apareceu a seus discípulos num corpo glorificado e, depois um espaço de 40 dias (**Atos 1.3**), foi exaltado – subiu aos céus diante deles (ver **Lucas 24.50-53** e **Atos 1.9**).

O retorno triunfante de Jesus aos céus permanece um mistério para nós. Mas há alguns textos muito importantes que tratam dele, dentre os quais podemos citar o **Salmo 24.7-10** e o **capítulo 5 de Apocalipse**. O autor da carta aos hebreus chega a nos afirmar que Jesus sabia a alegria que estava lhe aguardando no céu e, por isso, fez pouco caso da afronta que sofreu sobre a cruz (**Hebreus 12.2**).

Já vimos, numa outra lição, que o título de Rei dos Reis e Senhor dos Senhores era de Cristo por direito, mas ele o conquistou por merecimento em razão de sua obediência e do seu sacrifício por nós. Uma forma de entender isso é que, sem a cruz, Jesus seria um rei sem súditos, uma vez que a justiça de Deus se restringiria a punir aqueles que lhe foram desobedientes. Mas, com a cruz, a ressurreição e a exaltação de Cristo Deus tem um povo que pode chamar de seu; ele tem súditos que podem, pelo Espírito Santo, verdadeiramente se sujeitar ao seu justo e santo governo.

Assim, o importante a ser destacado, em razão do tom devocional e prático que estamos empregando a esta lição, é que, ao retornar aos céus, exaltado em glória e majestade, Jesus enviou o Espírito Santo (ver **João 7.39** e **Atos 2.33**).

No contexto do Antigo Testamento, o Espírito Santo apenas vinha sobre pessoas específicas, para a realização de obras específicas. Agora que Jesus veio, morreu por nós, ressuscitou e foi exaltado, o Espírito Santo está derramado sobre toda a carne. Isso significa que o Espírito Santo está disponível a todo aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus, crê na sua morte e na sua ressurreição, e o confessa como Senhor.

Note que não se trata, apenas, de novo nascimento; trata-se de novidade de vida. Se, por um lado, o Espírito Santo nos comunica a vida de Cristo quando ainda

estávamos mortos em nossos pecados, por outro lado é o mesmo Espírito que nos comunica a vida de Cristo para a nossa santificação diária. E, como ensina a Escritura, isso não seria possível sem a ressurreição e a exaltação de Jesus.

### **A ressurreição como nossa viva esperança**

Para encerrar e preparar a próxima lição, a última deste nosso singelo estudo sobre a pessoa de Jesus, devemos notar a relação que há entre a ressurreição e a exaltação de Cristo e a nossa esperança neste mundo.

Além de estar diretamente ligada ao derramamento do Espírito Santo, a exaltação de Jesus é a nossa garantia de que ele voltará (ver **Atos 1.10-11**). Até que ele volte, ele nos deixou o Espírito Santo como penhor da nossa herança (**Efésios 1.14**), uma espécie de “pagamento antecipado”: não somente uma garantia de que receberemos nossa herança com ele, mas também uma antecipação, de maneira que, pelo Espírito Santo, desfrutamos, antecipadamente, aqui, das bênçãos celestiais conquistadas por Cristo.

Nessa perspectiva, Paulo nos ensina que, se Cristo não ressuscitou dentre os mortos, toda a pregação do Evangelho é vazia, assim como é vazia a nossa fé (**1 Coríntios 15.14**). O apóstolo vai além e a chega a afirmar que, sem a ressurreição de Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens (**1 Coríntios 15.19**).

Podemos dizer que há, basicamente dois motivos para afirmações tão drásticas da parte de Paulo. O primeiro está ligado à eficácia de sua ressurreição para nos livrar de nossos pecados, como inclusive já vimos, e isso está afirmado na mesma passagem (**1 Coríntios 15.17**).

O segundo motivo é que a ressurreição de Cristo é a nossa garantia de nossa ressurreição com Ele. No presente, somos trazidos da morte à vida espiritual. E, no futuro, venceremos a própria morte física juntamente com ele, quando ele vier para julgar esta terra e estabelecer, definitivamente, o seu reino de justiça. Isso, que é fonte

de consolo e esperança diante das tribulações do presente, nos remete diretamente à nossa última lição.



## Lição 11: A Segunda Vinda de Cristo

### Visão panorâmica da lição

Ao final desta lição, o objetivo é que o leitor esteja habilitado a:

- ✓ Compreender o significado de “escatologia” e sua relação com a segunda vinda de Cristo;
- ✓ Perceber que, além das dificuldades naturais, há grandes bênçãos envolvidas no estudo da doutrina das “últimas coisas”;
- ✓ Compreender as duas posturas que o Novo Testamento ensina a respeito da segunda vinda de Cristo: *humildade intelectual* e *vigilância moral*;
- ✓ Vislumbrar a beleza do ensino escatológico em sua simplicidade, em especial no que diz respeito à *esperança* diante das tribulações e à *vigilância* em santificação.

### Introdução

Para encerrarmos nosso estudo a respeito da pessoa de Jesus devemos considerar, ainda, a sua segunda vinda. O retorno de Jesus em glória e os eventos a ele relacionados compõem o que se chama de *escatologia*, expressão que vem de duas palavras gregas que significam o “estudo das últimas coisas”.

Quando o assunto é o estudo da escatologia, uma dificuldade grande pode estar envolvida; mas, por outro lado, é possível ser muito abençoado com a consideração do ensino bíblico a respeito dos últimos dias. O primeiro fator – a dificuldade – decorre especialmente do tipo de linguagem que a Bíblia – e em especial o Novo Testamento – emprega na literatura escatológica (da qual o Apocalipse é o melhor exemplo). A mensagem de Deus é inspirada e infalível; as interpretações construídas pelos homens, no entanto, são falhas e potencialmente carnisais, e talvez na escatologia mais do que em qualquer outra área da interpretação da Bíblia seja possível notar isso.

Por outro lado, o segundo fator – as bênçãos decorrentes da consideração da escatologia – é encontrado no consolo e na esperança que temos ao saber que nosso Senhor está nos céus e virá para nos buscar. Além disso, a própria salvação proporcionada por Cristo e o reino de Deus, que ele veio anunciar e estabelecer, têm claras implicações escatológicas; ou seja, há aspectos da salvação e do reino de Deus que somente se completarão, para nós, no futuro, na consideração das últimas coisas. Fala-se no *já* e no *ainda* não (*já* somos salvos, mas nossa salvação *ainda não* se consumou completamente; Jesus *já* reina, e nós com ele, mas seu reino *ainda não* se estabeleceu completamente) no sentido de uma *escatologia inaugurada*, mas ainda não completamente consumada.

Por isso, é importante estudarmos a escatologia, mas, em especial, a nossa esperança relativa à segunda vinda de Cristo - exatamente o aspecto que pretendemos enfatizar nesta lição.

Mas antes de enfatizarmos nosso consolo e nossa esperança diante da volta de nosso Senhor talvez seja importante prestarmos atenção em alertas deixados pelo próprio Cristo, para que possamos desenvolver uma postura saudável diante da escatologia.

### **Alertas de Jesus quanto ao assunto**

Antes de sua crucificação Jesus deixou bem claro que o dia de sua volta não era conhecido nem pelos anjos dos céus, nem pelo Filho, mas exclusivamente pelo Pai (**Mateus 24.36**). Além disso, após a sua ressurreição, pouco antes de subir novamente aos céus, afirmou que não nos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai estabeleceu em sua própria autoridade (**Atos 1.7**).

Ou seja, o tempo (o que pode ser entendido como o dia), ou mesmo a época da volta de Jesus é assunto que está sob a reserva do conhecimento e da autoridade do Pai. E quantas heresias e seitas já surgiram ao longo da história do cristianismo em razão de pessoas que tiveram o disparate de estabelecer o dia da volta do Senhor!

O primeiro alerta, portanto, é que devemos ter uma atitude de *humildade intelectual* a respeito da volta do Senhor. Não sabemos, e não nos compete saber!

Alguém poderia sentir-se ressentido ou quem sabe até mesmo revoltado com Deus por as coisas serem assim (e, quem sabe, este possa ser o sentimento velado por detrás destas heresias escatológicas que volta e meia surgem), mas o certo é que devemos ter um sentimento de humildade e gratidão para com o Pai por ele ter, em sua infinita sabedoria, estabelecido as coisas dessa maneira.

E é importante notar que a atitude de *humildade intelectual* diz respeito não somente ao tempo (ao dia), mas também à época da volta de Cristo. Prestar atenção a este detalhe é importante porque muitos, ao olharem desanimados para o rumo que as coisas tomam no mundo, intuem que esta deve ser a “época” na qual Jesus está voltando. É preciso ter cuidado com este tipo de postura também.

Na verdade, a Bíblia também ensina um senso de urgência a respeito da volta de Jesus, que estabelece o que nós podemos chamar de *dever de vigilância*. Ao contrário da atitude de humildade, que diz respeito ao intelecto, o dever de vigilância fala da nossa vida moral: devemos estar prontos, porque não sabemos o dia nem a hora em que nosso Senhor vem. Jesus nos ensinou isso no mesmo sermão em que falou a respeito da reserva de conhecimento do Pai acerca do dia da sua vinda (ver **Mateus 24.42-44**).

Em resumo, podemos notar que a Bíblia ensina duas posturas a respeito da volta de Jesus: uma *intelectual (humildade)* e outra *moral (vigilância)*. A tendência carnal do ser humano, no entanto, simplesmente inverte o padrão bíblico: ao mesmo tempo em que estão despreparados moralmente (*não estão vigiando em santidade*), muitos cristãos estão loucos para acertar a época ou mesmo o dia em que o Senhor vem (*exercendo não humildade intelectual, mas soberba intelectual* a respeito do assunto).

Assim, se este estudo servir apenas ajudar você a alinhar suas expectativas intelectuais e morais a respeito da volta de Jesus com o padrão bíblico, certamente ele alcançará seu objetivo.

**Em busca da beleza do ensino escatológico em sua simplicidade**

Na introdução desta lição foi apontado o fator complicador do estudo da escatologia, que é a complexidade da literatura apocalíptica. De fato, há diversas correntes diferentes quando o assunto é escatologia e, obviamente, foge ao propósito deste estudo tratar em detalhes sobre uma temática tão complexa.

Assim, o que podemos fazer, baseados em **Atos 1.11**, é destacar a beleza e a simplicidade da mensagem escatológica – e sua beleza exatamente na medida de sua simplicidade – para, em seguida, enfatizarmos os aspectos práticos desse ensino bíblico tão belo e rico.

Ou seja, procuraremos trabalhar com o cerne da mensagem escatológica, aquilo que todas as diferentes linhas de interpretação devem ter em comum, sem nos preocuparmos com os detalhes especificamente enfatizados por uma ou por outra.

Nesse sentido, se somarmos **Atos 1.11** com **1 Tessalonicenses 4.13-18**, podemos notar o seguinte:

- O Senhor Jesus virá dos céus, da mesma forma como subiu (ou seja, seu retorno será visível e glorioso);
- Quando ele vier, os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro, e virão juntamente com ele;
- Os crentes que aqui estiverem serão arrebatados, para encontrarem com ele nas nuvens, e assim ficarão para sempre com o Senhor.

Após estes eventos, segue-se o julgamento de todos (justos e injustos) e o restabelecimento da criação, com novos céus e nova terra.

Esses são os pontos essenciais desta que, inspirados em **C.S. Lewis**, poderíamos chamar de uma “escatologia pura e simples.” Outras questões normalmente estudadas quando se estuda escatologia, como a grande tribulação, a manifestação do anticristo e o reino milenar são pontos sobre os quais existe grande divisão entre os cristãos e que, exatamente por isso, serão deixados de fora. Além disso, o objetivo desta lição é exatamente demonstrar a beleza da escatologia e a simplicidade que pode estar

envolvida em seu estudo, motivo pelo qual é suficiente que nos concentremos em seus pontos essenciais.

### **A esperança e a vigilância**

Nesse sentido, um dos aspectos mais belos a ser destacado a respeito da segunda vinda de Cristo é que ela constitui para nós motivo de esperança e de consolo diante das adversidades da vida presente. Em **Romanos 8.18** Paulo afirma que as aflições deste tempo não são para a comparar com a glória que há de ser revelada em nós quando nos encontrarmos com nosso Senhor.

Da mesma forma, em sua Primeira Carta, o apóstolo João nos consola com a lembrança de que um dia seremos semelhantes a Cristo, porque haveremos de vê-lo assim como ele é, acrescentando que todo aquele que tem esta esperança purifica-se a si mesmo (**1 João 3.1-3**).

Nota-se que nosso encontro escatológico com Cristo é apresentado por João como motivo não somente de esperança, mas de purificação. Ou seja, trata-se de uma esperança que produz santidade. Logo, *uma escatologia espiritualmente saudável está diretamente ligada a uma vida de santificação*.

E por que nos santificamos? Nos santificamos em razão de nossa expectativa da iminência de sua vinda, e do desejo de sermos achados dignos diante dele. Outra forma na qual o Novo Testamento apresenta esta mesma verdade é o que pode ser chamado de dever de vigilância. Nosso Senhor virá como ladrão à noite, e por isso devemos estar prontos (p.ex. **Mateus 24.42-44** e **1 Tessalonicenses 5.2-11**).

Encerramos este estudo com uma passagem que trata exatamente disso, alertando-nos sobre o tipo de pessoa que devemos ser, em santo trato e piedade, levando em conta que tudo nesta terra há de passar e que o nosso Senhor virá dos céus para nos buscar (**2 Pedro 3.10-13**):

(10) Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. (11) Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, (12) aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os

céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? (13) Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça.

## Referências Bibliográficas

- BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*.
- Bíblia Sagrada. Tradução Almeida Corrigida Fiel (ACF).
- CALVINO, João. *As Beatitudes*.
- CHEUNG, Vincent. *As Parábolas de Jesus*.
- CHESTERTON, G.K. *Ortodoxia*.
- ERICKSON, Millard. *Teologia Sistemática*.
- GUSSO, Antônio Renato. *Eu Sou: Jesus se Apresenta*.
- JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*.
- LEWIS, C.S. *A Abolição do Homem*.
- \_\_\_\_\_. *Cristianismo Puro e Simples*.
- LLOYD-JONES, D.M. *Estudos no Sermão do Monte*.
- MCGRATH, Alister. *Apologética Pura e Simples*.
- \_\_\_\_\_. *Lutero e a Teologia da Cruz*.
- \_\_\_\_\_. *Teologia Pura e Simples*.
- \_\_\_\_\_. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*.
- MORGAN, Campbell. *“Exposition on the Whole Bible.”*
- TOMÁS DE AQUINO. *A União do Verbo Encarnado*.
- SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de Teologia Sistemática*.
- SPROUL, R.C. *Estes são os últimos dias?*
- \_\_\_\_\_. *Somos Todos Teólogos*.
- YANCEY, Philip. *O Jesus que Eu Nunca Conheci*.